O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XLIII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis: Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS | SABBADO 15 DE JULHO DE 1893 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 4:280

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—O partido progressista.—Patriotismo.—De mal a peor.—Arbitradores judiciaes.—A quem compete.—Estrangeiro.—Noticiario.—Folhetim: Os Crentes.—Padre Moysés Nora.—Carta de Cantanhede.—Carta de Cadima.—Secção litteraria.—Bibliotheca Historico-Politica.—Carta de Lisboa.

AVEIRO

O Partido Progressista

No final de uma das ultimas sessões, na camara dos dignos pares, o nobre chefe do partido progressista, sr. conselheiro Luciano de Castro, proferiu um breve, conceituoso e eloquente discurso, em que definiu claramente a posição do seu partido perante o governo e os seus trabalhos na gerencia dos negocios publicos, a proposito da discussão do projecto relativo á contribuição industrial.

O eminente estadista affirmou assim, mais uma vez, os altos dotes do seu espirito superior e as distinctas qualidades do seu caracter modelo, fazendo as mais patrioticas e honradas affirmações ácerca da attitude nobre do partido, de que é commandante em chefe e ao mesmo tempo o mais prestimoso e mais infatigavel soldado, em face da actual situação politica.

Honra lhe seja.

O partido progressista, compenetrado da gravidade das circumstancias, e collocando acima de todos os seus interesses politicos os altos e sagrados interesses da patria, está dando a maior prova da abnegação e da honradez dos principios que professa e que são norma do seu alevantado e honrado procedimento de sempre.

Principiando, o sr. conselheiro Luciano da Castro, por se referir á contribuição industrial, declarou votar a generalidade do projecto, por entender que é um dever de honra nacional crear recursos para satisfazer os compromissos tomados para com os nossos credores. Terá, porém, de fazer observações emquanto á especialidade, lastimando que o governo não tivesse recorrido de preferencia ao imposto indirecto, o mais suave para o contribuinte.

Folga de poder elogiar o governo pela revisão do orçamento que, se não está isento de erros, mostra a boa vontade e estudo que lhe presidiu. Desde 1890 não tem feito opposição a governo algum, por entender que isso era seu dever patriotico, que se impunha a todos. Era necessario restaurar o credito publico, affectado por grandes infortunios que tambem tem affligido outros paizes, e não devido unicamente a erros dos velhos partidos, como se quer dizer com grande injustiça, injustiça que o futuro reparará. Mas para restaurar o credito é preciso que os governos tenham dedicação e auctoridade. E' essa auctoridade que o apoio do paiz lhe deve dar.

E' por isso que elle orador tem dado opoio a todos os ultimos governos, como o dá ao actual, e sem favor, porque cumpre um dever imposto pelas circumstancias. Não tem compromissos com o governo. Em qualquer occasião póde quebrar as suas relações publicas com elle, porque não as ha secretas. Quando chegar a occasião opportuna se fará a liquidação das responsabilidades partidarias. Por agora deve-se apenas tratar de conjurar o mal que nos affige. Foi n'este sentido que o prestigioso estadista fez o seu discurso, a que os proprios adversarios não teem regateado louvores e *antes teem applaudido e elogiado.*

Este auxilio prestado ao governo pelo nosso illustre chefe não importa applauso a todas as suas propostas, e antes é sua opinião que muitas d'ellas são inuteis ou prejudiciaes. Era inutil repetir isto, porque se tem visto como na camara e na imprensa teem sido apreciados com desfavor muitos actos governamentaes, que o não seriam se elles tivessem a predominante approvação do sr. José Luciano; mas sempre é bom repetil-o agora, para prevenir a hypothese de virem ámanhã alguns exclamar jubilosos que o partido progressista na camara e os seus orgãos na imprensa foram apanhados em flagrante contradição com o chefe.

Não ha contradição nenhuma. Nunca o auxilio e a cooperação tolheram os foros de critica. Seria muito censuravel não apontar os erros e os defeitos procurando emendal-os e corrigil-os, mas seria tambem grave erro politico de um chefe de partido negar o seu auxilio ao governo n'esta conjunctura em que os negocios publicos precisam do auxilio de todos. Não é, porem, só com elogios que se presta esse auxilio. E' tambem com palavras de censura e de aviso, e é talvez esse o melhor e mais proveitoso auxilio. O que escrevemos poderá differir na fórma do que na camara dos pares disse o sr. José Luciano de Castro, mas no fundo differe bem pouco, ou mesmo não differe nada. Cremol-o.

Prestando, por seu turno, a mais louvavel e a mais rasgada homenagem á lealdade e correcção do alevantado procedimento do nobre chefe progressista, o sr. ministro da fazenda, fallando depois tambem no projecto relativo á contribuição industrial, diz ao sr. conselheiro José Luciano de Castro:

«Sou parlamentar já bastante antigo e poucas vezes tenho ouvido um discurso que tanto me impressionasse como o que hontem proferiu n'esta camara o sr. José Luciano de Castro. Não pelas phrases agradaveis que me dirigiu, porque essas apenas as registo para as agradecer. O que me impressionou profundamente foi a maneira distincta, clara e elevada porque avaliou as condições especiaes em que o paiz se acha, e os meios por que o devemos honrar, sacrificando-nos para cumprirmos com lealdade os compromissos tomados com os nossos credores. Ha muitos annos que sou amigo, ha muito annos que tributo a maior consideração ao sr. José Luciano de Castro, pela sua intelligencia e pelo seu elevado caracter, mas se fosse preciso ainda uma prova do valor d'aquelle estadista, tinha-a elle dado hontem. O que s. ex.ª disse é o que deve dizer em um momento d'estes um grande estadista e um excellente cidadão. E n'esta phrase resumo a apreciação do brilhante discurso que s. ex.ª aqui proferiu hontem. Folgo tambem de consignar que os grandes louvores que tocam ao sr. José Luciano, tambem devem ser partilhados por outros homens de valor que, não se lembrando senão do paiz, teem auxiliado o governo na sua patriotica tarefa.»

Patriotismo

Dá-nos o nosso sollicito correspondente da capital e os jornaes d'alli, chegados hoje, noticia d'uma imponente manifestação anti-iberica na camara dos srs. deputados da nação, occasionada pela apresentação, feita alli pelo sr. Lobo d'Avila, d'uma representação da camara de S. Pedro do Sul contra qualquer ideia de reunião do nosso com o paiz hespanhol, affirmando-se, por parte de toda a camara, a sinceridade e a vehemencia dos sentimentos de patriotismo que ainda vibram em todas as almas verdadeiramente portuguezas.

O sr. conselheiro Veiga Beirão, o *layder* progressista e um dos mais illustres membros do glorioso partido liberal, pronunciou um brilhantissimo improviso, alcançando com elle um dos maiores triumphos oratorios que alli se tem obtido ha muitos annos.

O discurso do honrado paladino progressista synthetisou o mais nobre e o mais afincado amor pela autonomia e pela independencia da patria. Bem haja! Fallaram tambem os srs. dr. Laranjo e José d'Alpoim, mais dois audazes campeões do valoroso exercito progressista, com um enthusiasmo ardentissimo, commovendo até os que poderam ouvir lhes a palavra quente e inspirada. Este ultimo orador terminou por erguer um viva á Independencia da Patria, que eccoou como um cantico em todos os angulos da sala, e que foi estrepitosamente secundado.

Dos republicanos presentes, nem um só se atreveu a desmentir a infamissima negociata de Badajoz! E', pois, infelizmente certo que esses *portuguezes* foram alli negociar a entrega do seu paiz aos hespanhoes!

E não querem que os apodem de traidores, elles, os transfugas de todos os sentimentos do dever e do patriotismo! E não querem que os marque a ferro em braza a indignação popular, elles, os furagidos de todos os sentimentos do brio, da dignidade e da honradez patriotica!

A attitude nobre da camara dos srs. deputados, na sua sessão de hontem, deve ficar gravada nas paginas mais brilhantes da historia do parlamentarismo portuguez como um documento de alta e incomparavel valia.

Por parte do governo fallou tambem o sr. ministro do reino, sendo recebidas com verdadeira manifestação de agrado as suas palavras de energica censura á negociata de Badajoz e de enthusiastico amor civico e de dedicação pela patria.

O *Campeão das Provincias*, onde, em peleja ardente pela Patria e pela Liberdade, tanto escreveram Carlos Bento, Bispo de Vizeu, José Estevão, e tantos outros patriotas d'esta esphera, orgulha-se de registar nas suas columnas a attitude honrada da camara dos srs. deputados da nação, e levanta tambem com todo o enthusiasmo das suas convicções monarchicas e do seu entranhado amor patrio uma ardente saudação á Independencia da Patria, lavrando com ella o seu protesto sincero contra o procedimento indecoroso e repugnante das gentes republicanas.

De mal a peor

Uma das muitas das nossas incoherencias politico-administrativas, refere-se a todos os funccionarios que estão doentes. Vamos demonstrar isso, porque é uma questão d'alta moralidade.

Todos nós sabemos que um individuo doente carece de fazer mais despezas do que quando tem saude, e como tal não devia soffrer o menor desconto nos seus vencimentos. Acontece, porem, o contrario. São-lhe cerceados, e aqui temos nós um erro d'administração e uma falta de humanidade, que, como se sabe, deve ser o ponto principal onde se devem bazear todos os elementos de vida commum.

A sociedade vive dos meios que adoptou para a sua estabilidade. E' um edificio a que estão ligados todos os seus componentes por meio d'interesses communs. Esses interesses estão não só no trabalho como nos meios de facultar esse trabalho.

Não comprehendemos nem a guerra do capital contra aquelle, nem a d'este contra os operarios. O socialismo, como se está desenvolvendo na Europa, é um anarchismo disfarçado, e assim ha-de cahir ás suas proprias mãos. As exigencias demasiadas dão sempre um resultado negativo. E' preciso comprehender que quem nos sustenta e á nossa familia, é um amigo, é um protector, e como tal deve ser respeitado. A sociedade não póde ser egual. Essa egualdade é só perante a lei; fóra d'ahi, é uma utopia, é uma loucura. Todos temos os nossos direitos, as nossas regalias, mas tambem a nossa propriedade é nossa, que nos custou a ganhar pelo trabalho.

Seria longa a nossa dissertação sobre o socialismo, o que faremos mais tarde; a nossa questão é a seguinte.

Deve ou não todo o empregado receber os seus vencimentos por inteiro quando está doente?

Deve. E' um principio de humanidade, e como tal respeitado por todos.

Um individuo doente gasta o dobro do que gasta quando está com saude. São mais as suas exigencias, são maiores as suas despezas. N'esse caso devia ter-se com elle a maior caridade; isto é, tambem, provando-se que era uma doença que o impossibilitava de trabalhar por algum tempo. Não fallamos d'essas doenças que se tornam chronicas, que impossibilitam para sempre um individuo; fallemos d'essas que são de curta duração mas de muito soffrimento.

E' por estes que nós appellamos para o coração dos que nos governam; e assim devem attender a tudo o que concorra para um fim humanitario.

Ha empregados, como nos caminhos de ferro, a quem descontam metade dos vencimentos estando doentes. E' uma barbaridade. A companhia tem facultativos distinctissimos e muito dignos. Os seus attestados hão de provar que o empregado está realmente doente; logo carece de todo o apoio e de toda a humanidade. E ha mais. Quanto melhor tractamento tiver um doente, mais depressa se curará, e a companhia lucrará com isso.

Se se estudassem mais as necessidades dos pequenos empregados, quantos reditos não entrariam no thesouro, nas companhias e em tudo!

Como nos falta o tempo, no numero seguinte voltaremos á questão que é toda caritativa, e hão-de dar-nos, como esperamos, razão.

Arbitradores judiciaes

Foi já approvado pela camara dos senhores deputados o projecto de lei, de iniciativa do nosso presado amigo e illustre deputado, sr. dr. Barbosa de Magalhães, restabelecendo a classe dos arbitradores judiciaes, para o serviço de exames, vistorias e louvações, e restituindo aos seus logares os que estavam legalmente no exercicio d'essas funcções á data do faccioso decreto que os extinguiu.

Este projecto, que é de incontestavel necessidade, teve uma leve modificação quanto á fórma da reintegração dos antigos louvados, mas, conforme as declarações do sr. ministro da justiça, isso nada influirá na execução da ideia fundamental do projecto.

Na discussão, aliás breve, tomaram parte os illustres deputados, srs. Veiga Beirão, Castro Mattoso, Paulo Cancella, ministro da justiça e Pestana de Vasconcellos.

O sr. dr. Barbosa de Magalhães, auctor do projecto e relator do parecer da commissão, estava ausente da camara n'esse dia, porque se achava entre os seus muitos e dedicados amigos de Aveiro, e porisso não assistio á discussão.

Está, pois, restabelecido um importante serviço publico, que o ministerio transacto, na sua senha feroz de tudo destruir e derribar, havia condemnado sem cerimonia e sem attenção pelos verdadeiros interesses publicos.

Folgamos de vêl-o, e felicitamos o sr. dr. Barbosa de Magalhães por ver coroado do melhor exito o seu magnifico e importante trabalho.

A quem compete

Impozemo-nos a tarefa ingrata de chamar para um ponto de saude publica a attenção das auctoridades d'este districto, e vamos continuar a desempenhar-nos d'esta obrigação.

Embora seja preciso recorrer a desinfectantes para mexer em certas podridões; embora a nossa profissão de jornalistas nos inhiba de cortar promptamente as carnes gangrenadas; embora para o bem commum cheguemos a causar alguns desgostos parciaes, e a crear inimigos nos protectores dos curandeiros e charlatães (ha protectores para todos os animaes!), não deixaremos de proseguir nas considerações encetadas em dois numeros d'este jornal.

A lei, que regula o assumpto de que tractamos, é tão defeituosa, que as mesmas auctoridades dão, por vezes, aos curandeiros a honra de os nomearem peritos para exames medico-legaes.

A' falta de homens da sciencia, os juizes podem chamar ferradores, barbeiros, curandeiros, etc., para procederem a autopsia cadaverica, e auxiliarem as justiças do nosso abençoado paiz na investigação da verdade.

Que importa á lei que a ignorancia vá inventar ou destruir um crime; que seja condemnado um innocente ou absolvido um criminoso; que os vestigios do crime desappareçam com a intervenção da faca e da serra do charlatão? Uma vez que o juiz tenha *peritos*, póde rachar-se d'alto abaixo um cadaver, podem abrir-se-lhe os intestinos, quebrar-se-lhe as costellas, serrar-se-lhe o craneo, e atassalhar-se lhe todas as visceras, como se tudo aquillo pertencesse a uma besta, que a lei fica muitissimo contente, o juiz muitissimo grave na sua cadeira, o delegado muitissimo instruido, para requerer a continuação ou a terminação do processo, e a sociedade muitissimo edificada com a obra do curandeiro.

Por outro lado tambem as nossas auctoridades sanitarias, com suas attribuições designadas por lei, são individuos extranhos á medicina, a principiar no sr. ministro do reino, e a terminar no sr. regedor da freguezia. Assim temos: 1.ª auctoridade sanitaria, o sr. ministro do reino; 2.ª o sr. governador civil do districto; 3.ª o sr. administrador do concelho, e 4.ª o sr. regedor da parochia!

E' a estas entidades, quasi sempre leigas na materia, que a nossa lei confia a guarda da nossa saude, e as providencias respeitantes ao exercicio da medicina, e á venda dos medicamentos.

Talvez nos digam, que o ministro do reino tem medicos, pagos pela nação, para o esclarecerem nos casos graves; que o governador civil tem um medico, tambem pago, e com a designação de delegado de saude, para o illustrar nas suas necessidades; que o administrador do concelho tem o medico chamado subdelegado de saude (que trabalha de graça, pois a lei é para uns mãe e para outros madrasta!), que lhe faz ouvir a voz da sciencia nas occasiões *urgicas*; e que o regedor da freguezia tem... o regedor, para resolver os problemas sanitarios na sua parochia: mas nem o ministro do reino é obrigado a ouvir, ou a seguir a opinião dos seus medicos; nem o governador civil carece de attender o parecer do seu delegado; nem o administrador precisa dos conselhos do subdelegado, nem o regedor consulta... o regedor, para coisa nenhuma.

Em Portugal, só ouve quem quer, e quem não quer... faz ouvidos de mercador.

Teem-nos dito que no interior da Africa ainda é mais satisfeita a legislação a este respeito!

Não sabemos de comarca d'este districto, onde as justiças tenham necessidade de se instruir, nos exames medico-legaes, com os curandeiros, e por tanto em todos os concelhos vivem facultativos habilitados; tambem essas terras, semeadas de pharmacias legaes, podem ser promptamente soccorridas.

Qual a razão, pois, que allegam as auctoridades, para despresarem a lei? A brandura decantada dos nossos costumes? A politica de lareira, e a estupidez indigena? Talvez tudo isso e mais alguma cousa.

Se as auctoridades exigem dos facultativos serviços gratuitos em larga escalla; se obrigam os medicos e os pharmaceuticos a satisfazerem pezadissimas contribuições, com o fim de se accudir á miseria do thesouro publico; protejam um pouco o exercicio legal da medicina, e mandem fechar as pseudo pharmacias, que em nada contribuem para o bem commum. Aquelles que, tendo a ingenuidade d'acreditar na efficacidade da lei do seu paiz, empregaram todos os meios honestos para se diplomarem, reclamam, com justiça, o que lhes é devido. Não pedem favor, por que tem direitos; e se a auctoridade obriga medicos e pharmaceuticos a cumprirem deveres pesados, tenha egualmente a precisa energia para acabar com a parte das *mulheres de virtude* e curandeiros, e para destruir as pharmacias illegaes, que nos envenenam com suas aguas citricas, com seus unguentos rançosos, e com as suas pilulas podres.

Voltaremos ao assumpto.

ESTRANGEIRO

São muito graves as noticias que nos chegam do Brazil. Aquella importante parte da America do Sul arde em luctas cruentas e não é facil apreciar, com justeza e prever no momento actual, até onde chegarão as consequencias da guerra que alli se levanta.

Foram suspensas as garantias no Rio de Janeiro e na provincia do Rio Grande do Sul. O nosso ministro telegraphou pedindo com toda a instancia um navio para proteger os nossos subditos. Em virtude d'isso deu-se logo ordem para que da divisão naval de Angola sahisse a corveta *Mindello*. Receiava-se que a cada momento rebentasse a revolução no Rio de Janeiro.

Os ultimos telegrammas dizem:

NEW-YORK, 13. — O governo central da União Brazileira suspendeu em absoluto a circulação de telegrammas pela via de Galveston, isto é, via New-York, pelo oceano Pacifico e Andes a ligar com o Rio da Prata. As noticias dos insurgentes do Rio Grande chegarão, pois, até ao Rio da Prata pelo correio.

MONTEVIDEO, 13.—Noticias vindas do Rio Grande do Sul dizem que o almirante Vandenkolk tomára o porto de S. Pedro appoiado pela flotilha.

Esta noticia carece porém de confirmação.

Mas pergunta-se: O que quer aquelle povo de irmãos nossos? Destituiram a monarchia que era alli a sinthese da paz, da ordem e da moralidade, e collocaram no seu logar o symbolo da republica. E a republica dá-lhe o resultado que se vê:—a guerra, a fome e a miseria. Ponham os olhos n'isto os republicanos de cá—os republicanos indigenas, que não existiriam aqui se os governos de Portugal tivessem sabido cumprir o seu dever.

Esperam-se a todos os momentos e com anciedade, noticias importantes d'aquella parte do mundo.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Tem passado incommodado na sua casa de Mira o nosso antigo e honrado amigo, sr. Manuel Maria Pimentel Calisto. Accommettido d'uma bronchite que o detem no leito, tem dado cuidado aos seus verdadeiros amigos. Ser-nos-ha grato poder noticiar o seu prompto restabelecimento.

— Chegou hontem a Aveiro, hospedando-se em casa do nosso amigo, sr. Francisco Elias dos Santos Gamellas, o revd.º sr. padre Abel Pedro Pereira de Freitas, que, a convite de seu irmão, o sr. Augusto Pereira de Freitas, vem prégar ámanhã na festividade de Nossa Senhora da Piedade.

— Partio para Lisboa, onde vae consultar um especialista de molestias de olhos, o sr. dr. Antonio Alves d'Oliveira Guimarães, dignissimo juiz de direito da visinha comarca de Albergaria-a-Velha.

— Está em Agueda com sua esposa, a sr.ª D. Izabel Roballo Portella, o nosso amigo, sr. dr. Adolfo Portella. Tencionam demorar-se alli dois mezes.

— Partiram hoje para o Bussaco, onde demoram até amanhã á noite, o nosso presado amigo e considerado clinico d'esta cidade, sr. dr. Pereira da Cruz, sua ex.ma esposa e filhos.

— Foi passar alguns dias de ferias a Lisboa, com seus extremosos tios, sr. dr. Barbosa de Magalhães e sua ex.ma esposa, o brioso estudantinho, filho do nosso chorado collega, Fernando de Vilhena, de nome Fernando Emilio de Vilhena.

— Esteve ha dias em Aveiro o nosso respeitavel amigo, o revd.º parocho de Arrifana, que veio tractar de negocios concernentes á sua parochia.

— Está actualmente em Coimbra o sr. bispo de Bragança.

— Partiu definitivamente para Villa Pouca d'Aguiar, com sua ex.ma esposa, o nosso muito presado amigo, sr. dr. Joaquim Pereira da Silva Amorim, muito digno delegado d'aquella comarca.

— Está hoje n'esta cidade, vindo do Porto e seguindo no expresso para Lisboa, o sr. dr. Antonio José Gomes Lima, muito digno director da Companhia Nacional dos caminhos de ferro, e director tambem da acreditada Companhia Hygiene.

— Esteve hoje em Aveiro o nosso illustrado collega da imprensa lisbonense, sr. Domingos Guimarães.

— Partiu da sua casa para as Caldas da Rainha o sr. Faustino de Paiva Sá Nogueira, sem duvida um dos cathedricos mais respeitaveis do districto de Santarem. S. ex.ª tenciona demorar-se n'aquellas therma até ao fim de agosto. Que regresse completamente bom, é o que muito desejam os admirador do seu respeitavel caracter.

— Está hoje em Aveiro o nosso bom amigo e prestante chefe do partido progressista de Albergaria-a-Velha, sr. Bernardino Maximo de Araujo e Albuquerque.

O iberismo nas provincias.—Aos nossos estimaveis collegas de Lisboa, o *Diario Illustrado*, a *Tarde*, etc., que teem relacionado e transcripto todas as apreciações da imprensa provinciana ao jantar de Badajoz, em que as gentes republicanas do paiz negociaram a venda da patria, passou desapercebido tudo o que o *Campeão das Provincias* tem escripto tambem sobre o assumpto.

Acto digno. — Acaba de reunir extraordinariamente a camara municipal de Oliveira d'Azemeis a fim de manifestar ao juiz de direito, d'esta comarca, sr. Coelho da Rocha, a desagradavel impressão que lhe causou a syndicancia feita aos seus actos, deliberando consignar na acta um testemunho de consideração ao magistrado integerrimo e honestissimo em todos os seus actos.

Dizem-nos que a do concelho de Cambra vai tambem reunir para o mesmo fim. E' um acto digno e louvavel.

Theatro Aveirense.—Como já dissémos, vamos ahi ter alguns magnificos espectaculos, dados pela grande *troupe* hespanhola de opera-comica, composta de artistas dos theatros *Variedades* e *Apolo* de Madrid.

Esta *troupe* traz um bom reportorio de operetas graciosissimas e moraes, que irá pondo em scena durante a sua estada n'esta cidade. Traz tambem a grandiosa obra do poeta mais eminente de Hespanha, o laureado e immortal D. José Zorrilla, o drama phantastico-lyrico-religioso *D. João Tenorio entre los vivos e los mortos.*

Já está aberta a assignatura pelos preços do costume no estabelecimento do sr. Eduardo A. Ferreira Osorio—Praça do Commercio.

Nova opereta.—Constanos que brevemente vae entrar em ensaios, no Theatro Toy, de Agueda, uma operetta de cujos libretto e muzica é auctor o nosso presado amigo, sr. Adolpho Portella. Tomam parte no espectaculo algumas damas e cavalheiros d'aquella villa. A opereta intitula-se *A Noiva de João.*

Bazar em Ilhavo.—Inaugurou-se em Ilhavo, no passado domingo, o bazar de prendas a que este jornal se tem referido e que foi promovido em favor do cofre dos bombeiros voluntarios d'aquella villa. Foi uma festa sympathica não só pelo motivo que a determina, mas tambem pela maneira distinctamente artistica por que estavam dispostas as prendas, n'um elegantissimo pavilhão. Foi grande a concorrencia áquella festa e a receita effectuada muito animadora, sendo d'esperar que nos outros dias em que se realisar a continuação do bazar não diminua o enthusiasmo por esta diversão. Na praça fronteira á capella das Almas, situada no centro da villa e recostando-se no fundo azul do ceu, erguia-se o pavilhão das prendas, elegante, bem lançado, verdadeira maravilha de cores, reflexos, de palpitações de flamulas multicores. As prendas numerosissimas, de muito bom gosto e algumas de grande valor, tentando assim e promovendo em todos o desejo de as possuir, o que determinara a grande concorrencia ao local onde se vendiam as sortes que tiveram largo consumo. Durante toda a festa tocou a phylarmonica d'Ilhavo, que muito gentilmente se prestou a abrilhantal-a sem receber qualquer gratificação; e na execução dos variados trechos do seu reportorio houve-se por modo tão correcto que agradou a todos, mesmo aos mais exigentes. No proximo domingo abre o bazar pelas tres horas da tarde com novas diversões muito attrahentes, para o que a commissão promotora trabalha com a maior actividade. Muito amavelmente se prestou a phylarmonica da Vista Alegre a abrilhantar esta festa onde executará o programma seguinte:

1.ª PARTE:—*La Corrida* de benificencia, Passe-Calle, Chapé; *Confidences*, Valse, E. Waldtenfel; *Paragrapho 3.º*, Ouverture, Suppé; *A flor de Lisboa*, Valse, Cyriaco de Cardoso.

2.ª PARTE:—*Marcha allemã*, ****; *Melancolie*, Valse, O. Metrá; *Soldatenleben*, retréta austriaca, Keler Belá, Passe Calle, P. Rosa.

Cabem, pois, os mais merecidos elogios á commissão encarregada de promover esta festa, por que se não tem poupado a esforços de toda a ordem para obter d'esta o melhor resultado.

Exames elementares—Devem começar aqui, na proxima segunda feira, os exames elementares. Formam a meza os srs. Antonio Maria dos Santos Freire, que servirá de presidente, sendo vogaes os srs. Jorge de Pinho Vinagre e Manuel José de Barros e Almeida, professores publicos.

Operações.— Os illustrados medicos d'Agueda, srs. drs. Matheus Pereira Pinto e Joaquim de Carvalho e Silva, fizeram ha dias duas operações difficilimas, e com a maior felicidade. Foi a extracção d'um tumor (sarcoma hystico) da região direita do pescoço, com adherencias profundas ás cartilagens da larynge, a João Antunes, de Bellazaima a Velha, que depois de operado seguiu d'Agueda para sua casa. A segunda foi a Maria Balreira, do Sardão, a quem fizeram a operação da paracenthese com lavagens antisepticas repetidas por meio do aspirador de Potain, motivada por um enorme kisto purulento do peritoneu.

Costa Motta. — No concurso para o monumento que em Lisboa se vae levantar em honra de Affonso d'Albuquerque, foi preferido o trabalho do nosso amigo, sr. Antonio Augusto da Costa Motta, diz a *Ordem*.

Este facto deve encher de orgulho e alegria não só a cidade de Coimbra, que o conta entre os seus filhos mais estimaveis, e que concorreram para que se não perdesse um trabalhador que hoje é uma gloria da patria, mas tambem a Escola Livre das Artes e Desenhos que lhe iniciou os primeiro passos no glorioso caminho que Augusto Motta, com tão inexcedivel zélo, soube trilhar. Dotado de excessiva modestia, mas d'uma constancia de trabalho a toda a prova, não admira que elle, concorrendo com artistas de nome que lhe foram professores, fosse classificado em 1.º logar. Consignando aqui a expressão do nosso contentamento, apresentamos ao laureado artista os nossos sinceros parabens.

Fallecimento.—Acaba de fallecer na sua casa de Penella, o sr. José Guedes Coutinho Garrido, que fôra deputado da nação e governador civil de Bragança. Era um dos homens mais importantes do districto de Coimbra, sempre adicto ao partido regenerador. Paz á sua alma.

Trabalho no mar. — Com excepção de quarta-feira, em que o mar não permittio o serviço, em todos os outros dias da semnana houve trabalho, sendo a pesca, sardinha, não em grandes porções mas em quantidade sufficiente para compensar ainda que mal as despezas que se fazem na exploração do mar. O preço d'ella no mercado, tem regulado entre 700 e 800 réis o milheiro. Hoje está a 700 réis.

Significativo.—As senhoras da Guarda estão bordando uma bandeira para offerecer aos bombeiros voluntarios d'aquella cidade. E' um acto digno de justa apreciação.

Malvadez.—Contam-nos de Estarreja que no logar do Esteiro do Bunheiro, uma rapariga cega, Maria da Silva, deu á luz uma creança, que logo aos primeiros vagidos estrangulou e enterrou á porta da casa. A malvada já está presa.

Assassinato e roubo.—Acaba de praticar-se na Ericeira um crime barbaro. A peixeira Maria Pirralha, mulher já idosa, que passava por ter algum dinheiro e objectos de valor, foi assassinada por um José Maroto, rapaz de maus costumes, com 17 annos de edade apenas. O crime foi praticado com o proposito firme de roubar a pobre mulher. Para isto, introduziu-se em casa d'ella onde se escondeu, e segundo tudo indica, quando a apanhou descuidada, occupando-se de trabalhos de costura, cahiu sobre ella, cravando-lhe oito facadas, a maior parte das quaes na garganta. O cadaver da desgraçada tinha as carotidas cortadas. Junto estava uma faca com a lamina partida e ensanguentada. O colxão da cama de Maria Pirralha, onde se dizia que ella tinha o dinheiro escondido, estava remexido e não continha valor algum. O malvado já está sob ferros.

Bom partido.—A camara de Proença a Nova abriu concurso para provimento de um partido medico com o ordenado de 540$000 reis. E' convidativo, como se vê.

Noticias de Chaves.—Em 14.—A noticia de que seria transferido para o Porto o regimento de cavallaria causou aqui geral indignação. A camara municipal telegraphou logo ao sr. conselheiro Eduardo Coelho e ao sr. deputado Villaça. A Associação Commercial, em reunião enormemente concorrida, nomeou uma commissão de vigilancia e dirigiu telegrammas aos dois alludidos cavalheiros, ao sr. ministro da guerra e á imprensa; e a classe commercial, por seu turno, acaba de se reunir numerosamente e resolveu protestar indignada contra os boatos da transferencia do corpo, aqui aquartelado ha mais de um seculo, talvez. Nomeou-se uma commissão de vigilancia para fazer todo o possivel a favor de Chaves, que tão abandonada tem estado e que tão prejudicada ficaria com a projectada transferencia do corpo, sem utilidade geral e que apenas representa a nenhuma consideração por esta villa é uma miseria, pois que não se tem pensado em crear n'este centro de actividade instituições educadoras e meios de fomento.

Felizmente que nada ha a este respeito. Affirmam isso os telegrammas recebidos dos nossos representantes no parlamento.

Festas e tumultos.—Não ha grande festa publica que não faça victimas na multidão que a desfructa, sem attender a perigos e com o unico fim de satisfazer a curiosidade. O casamento do duque d'York e da princeza Mary custou á população de Londres tantas victimas, como á de Paris custaram os ultimos tumultos. Sabe-se pelos ultimos telegrammas, que foram levantadas duzentas pessoas desmaiadas ou accommettidas de insolação, no meio da multidão immensa que se esmagava debaixo de um sol ardente, ao longo das ruas que o cortejo devia percorrer. Uma mulher, completamente asphixiada, morreu. Na Fleet street, um homem cahiu da janella sobre a calçada e falleceu immediatamente (!); um outro foi morto pela queda de uma pedra de entablamento. Em Hyde-Park, um antigo soldado reformado deslocou o pulso no trepar a uma grade para melhor vêr a rainha. Finalmente, um tenente dos *Life Guards*, o marquez de Sinibaldi, de serviço nas immediações de Marlboroug House, cahiu do cavallo no momento de maior apertão e ficou gravemente ferido. As grandes festas são pequenas batalhas.

Incendio na exposição de Chicago.—Na tarde do dia 10 rebentou um furioso incendio n'um armazem de mercadorias, situado proximo ás construcções da exposição de Chicago. O edificio incendiado era destinado a armazem de provisões para os hoteis e restaurantes da Feira do Mundo. As columnas de fumo que se elevavam do local do incendio eram vistas de varios pontos da cidade produzindo grande alarme. Julgou-se em muitos sitios que estavam ardendo os palacios da Exposição Universal e de todos os bairros da cidade acudiram milhares de pessoas, temendo que tivesse occorrido uma terrivel catastrophe. Entretanto as auctoridades e os bombeiros apresentaram-se no sitio do sinistro e começaram a adoptar disposições para localisar o incendio. Os bombeiros subiram a uma elevada torre do edificio para de alli arrojar agua sobre as chamas.

Durante algum tempo conseguiram suffocar o fogo, porém pouco depois o incendio adquiriu inesperado incremento. As chamas e o fumo envolveram a torre e cortaram a retirada aos infelizes bombeiros. Cinco d'estes, em vista do perigo que corriam, atiraram-se da torre abaixo, ficando mortos e esmigalhados sobre o solo. Trinta morreram queimados. A' chegada das ultimas noticias o fogo continuava alastrando-se pelas edificações da exposição.

Vinho exportado. — Pela barra do Porto foram exportadas no mez de junho findo, 6:721 pipas de vinho, n'uma importancia superior a 623:000$000 réis.

Bombeiros Voluntarios d'Ilhavo.—Continuamos ainda a dar publicidade ás prendas offerecidas para o bazar dos bombeiros voluntarios ilhavenses:

José Maria Mathias, um quadro; Manuel Marques Machado. uma lithographia; Maria Nunes Vidal, um aventalcom rendas; Roza Malta, um cesto de palha; José Antonio de Oliveira, uma lamparina de porcellana; Luiz Cardoso Figueira, um par de vasinhos de porcellana pintados; Carolina Cardoso Figueira, um cesto de palha; Rachel Cardoso Figueira, um cesto de missanga; Herminia Cardoso Figueira, uma touca para creança; Joanna Cardoso Figueira, uma camiza para creança; Elvira Cardoso Figueira, uma travesseira bordada; Sylvina Cardoso Figueira, uma pregadeira bordada; Julio de Oliveira da Velha, um panno de meza; padre José Cardoso, uma carteira; Laura Victorina dos Anjos, uma camiza para creança; Pedro Couceiro da Costa, um descanço para relogio; Eugenio Ferreira da Encarnação, duas photographias; Augusto de Oliveira Pinto, quatro garrafas de vinho do Porto e duas de licôr; Joaquim Fernandes Thomaz, uma garrafa de vinho do Porto; Americo da Rocha, dois floreiros de vidro dourado; Duarte José de Magalhães, dois floreiros de barro vermelho e uma caneca de porcellana pintada; Rita Crespa, um prato de porcellana pintado e um par de jarras pequenas; Maria Augusta d'Oliveira Pinto, d'Arribas, um panno de meza; Rita d'Oliveira Lebre, uma caixa e um cesto de busios, dois pares de tapetes para castiçaes e dois ramos de flores artificiaes; José Maria da Silva, um Christo de gesso; José de Oliveira e familia, sete tapetes para castiçaes, duas caixas de busios, dois cestos de busios, um par de cothurnos e um floreiro de porcellana; José Baláu, uma travessa e um jarro de faiança; Roza Chócha, uma grinalda de flores artificiaes, uma romeira de renda e um cesto de verga; Duarte Maria da Silva, uma chavena e pires de porcelana pintados; Joanna de Jesus Emilia, uma chavena e pires de porcelana e uma jarra de casquinha; Antonio Carlos Fragoso, um stereoscopio com quatro photographias transparentes; Henriques Cardoso Figueira, um prato de porcelana para ornamento; Manuel Nunes Ferreira Gordo, seis garrafas com gazosa; Maria dos Anjos Peixa, uma pregadeira de sêda; Joanna Gorda, uma chavena almoçadeira com pires comprido; Anonymo, uma caixa com brinquedo de creança e 2$000 réis; Maria Benedicta Grilla, um prato de porcelana branca; Manuel de Oliveira Rasoilo, 500 réis; Manuel Marmello, um assucareiro de faiança e um prato de vidro; José Maria Ferreira, um jarro de cristal; Julia d'Oliveira Pinto, um par de jarras de vidro; João Pereira Ramalheira, uma caixa com seis sabonetes; Josepha Maria Balseira, um chamariz de Bretanha; Maria Roza Amadia, uma fogaça; Gabriel Bailica, uma manteigueira de porcelana branca; José de Mello Lopes, um paliteiro; Manuel Simões Bichirão, uma garrafa, como e prato, de quarto; Rita Castanha, uma garrafa de vinho; Maria Benedicta Grilla, um prato de porcelana branca; Joaquim Simões Chuva, uma jarra de barro vermelho; Alexandre André Senos, um compasso de madeira; José Maria Ançã, 50 exemplares d'uma poesia sua «A saudação»; Bernardo dos Santos Camarão, um par de jarras de porcellana branca; Francisco Maria da Silva, um prato de porcelana pintado; Eduardo de Moura, uma bandeja de charão e um floreiro de vidro; Custodio Martins Henriques, uma manteigueira de porcelana e uma compoteira de vidro; Arnaldo da Maia Mendonça, duas bonecas; Felicidade Ferreira, um panno de meza de cabeceira e um paliteiro; Rosa Gorda, um par de vasinhos; Natividade da Silva, um fogão brinquedo para creança e dois fios de perolas; Joanna Caróla, uma chavena e pires de faiança; Ascenção Caróla, uma chavena e pires de faiança e uma penna bordada a missanga; Joanna Rosa Rolla, uma manteigueira de vidro; José Tavares d'Almeida Maia, 12 canecas de faiança e *tres garrafas de vinho do Porto*; Antonio Maria Marques Villar, tres livros, *Da terra á lua*, por J. Verne; *Impressões*, por Alberto Carlos; a *Prosa da Gloria*, por H. P. Escrich; José Bernardino da Silva, 500 reis; Manuel Maria Ferrim, um annuario perpetuo; dr. José Paes dos Santos Graça, quatro taças de vidro; Antonio Pereira da Cunha: quatro pastas para escrever com penna e papel de phantasia e uma carteira para lembranças.

A festa da Rainha Santa em Coimbra.—Um collega nosso, d'alli, escreve sobre o assumpto o seguinte:

Noite fechada, céu azul ferrête; ao fundo a mancha de nankim dos montes em que boiavam em notas lactescentes a casaria branca, illuminada pelo gaz que pontilhava a oiro as ruas e riscava de fachas amarellas a agua negra do rio. De vez em quando illuminava-se um canto da cidade de côr de rosa, depois vermelho vivo: era um fogo de bengala que se accendia ao longe, rubro como uma granada, e se apagava rapidamente, deixando morta a cidade de que não vinha um ruido... A' porta, pouca gente e dois carros cujos cocheiros conversavam somnolentemente. Dentro do pateo mal illuminado, pouca gente, passeando á vontade ao som d'uma philarmonica aphonica, muito applaudida de palmas de algum mesario satisfeito. Ao fundo o mirante escuro e as gelosias riscando de negro a parede caiada d'um aspecto frio e livido. Encostadas ás grades sombras femininas sem voz e sem movimento. Em baixo a porta illuminada, da roda, por onde entrava gente a rir e a pedir pasteis. A egreja pesada como um monumento egypcio e deselegante como todas as construcções do sr. D. João IV, de saudosa memoria, calada, sem uma luz, contribuia para dar um aspecto grave e somnolento ao arraial que apenas se animava com o brilho falso dos fogos d'artificio, cortando o ar com o seu murmurio cantado de agua á correr, córando as faces pallidas da gente da cidade e animando o povo do campo que gritava applaudindo o fogueteiro: bravo seu Zé da Claudina! E assim se foi arrastando a festa somnolentamente no pateo, e nas tascas que se abriam n'uma nota toda moderna na velha Hospedaria do Convento.

No dia da procissão. — A egreja cheia de gente, ar quente, abafado, humido, atmosphera asphixiante d'estufa. Na meia escuridão do templo, cheio do ciciar de vozes falando baixo, recortava-se brilhante a porta aberta por onde entrava a luz, fazendo brilhar o oiro dos uniformes militares, illuminando o vermelho dos vivos, estacando depois, e como que perdendo-se a medo na multidão sombria em que brilhava apenas o reflexo fugidio d'um lenço de seda, o rutilar d'um labio vermelho, o luzir d'um olhar humido, ou o aureolar d'um cabello d'oiro.

Ouve-se um hymno marcial e á porta aberta assoma o sr. Bispo Conde, recortando-se no fundo luminoso como figura de Evangeliario antigo. Adeanta-se a recebel-o o sr. coronel Rebocho e os seus officiaes inclinando-se a receber a benção do sr. Bispo conde, que lh'a dá com um sorriso bom e amigo. Agita-se a multidão e abre em alas até ao altar, onde já se achávam authoridades civis e convidados.

Começa a festa e com ella uma musica — *pouco catholica* e *algo* desafinada.

Sobe ao pulpito o prégador, um pregador do Campo, coroado, de dentes muito alvos, ar de boa saude, e começa falando dos males da patria e explicando como a falta de religião e a impiedade (do sr. Emigdio Navarro, Marianno de Carvalho, etc., já se vê!) tem precipitado o paiz na ruina, e enthusiasmava-se ao descrever os tempos aureos em que n'este abençoado paiz os filhos dos reis andavam á guerra com os paes, trazendo em constante sobresalto a Santa Rainha que não sabia como valer lhes. Aqui pareceu lamentar que houvesse tanta paz na familia Portugueza, e que por isso não houvesse occasião para Deus mostrar quanto preza as duas rainhas — a sr.ª D. Amelia que começa a affirmar-se na sua cadeira de anjo, e a sr.ª D. Maria Pia que o povo aposentou já com as honras por inteiro. E encostava para traz o corpo, a mão esquerda apoiada sobre a borda do pulpito, a direita levantando-se, acompanhando o olhar que se dirigia para o alto para um canto escuro do templo onde parecia ver descer-se o anjo da Caridade obrigando com as suas azas brancas de setim o povo de bocca aberta, olhar esgazeado *sem ver nada. Mais musica!* Não se pode sair, abafa-se, e olhando a talha dos altares inveja a sorte de D. Diniz, figurando no campo, caçando ao ar livre, sem musica e... apenas com um urso para matar. Sae a procissão, e começa a respirar-se. Como é bom respirar o ar livre, e ver bem caras alegres e formosas.

Começa caindo a tarde, ouvem-se tres descargas unisonas. Debanda tudo, e lá vae caminho da cidade o regimento, musica á frente, marchando entre alas de povo negro, correndo ladeira abaixo e alastrando com um movimento ondeado na planicie, em brilhos de oiro e vermelho, como um campo louro de trigo em que florissem papoulas.

Tombava a noite, e no silencio dos campos levantava-se uma voz sã de rapariga cantando:

Cala-te lá Josésinho
Que já não vaes p'ra soldado
Já mandei dizel'ó rei
Qu'eras o meu namorado,

emquanto a multidão, enchendo a Portagem se escoava pelas ruas da cidade que destacava n'uma grande mancha branca e lavada sobre o fundo verde-negro do arvoredo. O ceu livido, exangue, apenas ruborisado no horisonte por onde escorria o sangue do poente.

No domingo á noite e na vespera houve as tradicionaes fogueiras. Tradicionaes não, porque hoje não conservam o caracter d'outros tempos. O tom local desappareceu: a viola foi substituida pela rebeca, o violão pelo trombone com mistura de flauta, etc., e as canções tão coimbrãs, que sahiam d'aqui para essas provincias fóra, foram substituidas por cantigas d'opereta, mal tocadas, mal cantadas e mal dançadas.

Abrimos uma excepção para a fogueira do largo do Marmelleiro.

Aqui sim; embora o rancho das raparigas não fôsse absolutamente superior á invasão do *modernismo*, ainda se conservou algo de antigo. Um bello grupo de raparigas. Saia preta, casaco branco, avental côr de rosa, fita azul em laço ao pescoço, em cabello, bem penteadas, prego de tartaruga a prender a pujança das tranças: cantando bem, com enthusiasmo, dançando endiabradamente, sempre em risos, n'uma alacridade communicativa, provocante. Prendiam. Gente que chegasse para vêr a fogueira ficava, passavam-se as horas desapercebidamente.—Já é uma da noite!—Mais um bocado, já agora vamos no fim d'esta dança. E passava-se esta dança e seguia-se logo outra e torna-se a ficar a vêr, e as horas no seu infiexivel caminhar...

Muito bem, formosas tricanas: os nossos mais enthusiasticos louvores, os nossos mais retumbantes applausos.

Miss Fuller em Lisboa.—E' verdadeiramente phenomenal o que se conta d'esta miraculosa actriz. Um collega nosso de Lisboa, fallando dos seus trabalhos, diz:

«A grande novidade que attrahiu hontem enorme concorrencia ao Real Coliseu foi a *dança sepentina*, executada pela sua, *Miss* Fuller. O nosso publico que vira a Geraldine, suppunha que a dança serpentina se limitava áquillo que esta artista exhibia no palco do Real Coliseu, e ficou muito surprehendido e bouquiaberto de pasmo ante o maravilhoso trabalho da *Miss* Fuller. E o caso não era para menos, porque a celebre artista norte-americana é realmente assombrosa. Não se calcula o effeito magico da maravilhosa combinação de cores sobre a gaze finissima e transparente que envolve o gentil corpo de *Miss* Fuller.

Esta combinação de côres opera-se em virtude da luz que seis lampadas fazem incidir sobre a *danceuse*, em cada uma das quaes ha um disco rotativo com vidros de sete côres diversas. O movimento da rotação não é egual, nem se corresponde em todos os discos, de modo que incide sobre a gare era uma só côr, ora duas, tres, quatro, até sete côres differentes. Para que esse effeito seja completo é preciso que o theatro esteja o mais obscuro possivel e que o palco se transforme n'uma verdadeira camara escura, sendo para este fim forrado todo de panno preto, incluindo o tapete. *Miss* Fuller apresenta novidades todas as noites para o que possue mais de trinta *toilettes* differentes. Em Londres, Paris, Madrid e Barcelona obteve ruidoso successo, constituindo uma mina para os emprezarios, e todas as revistas scientificas se occuparam da artista. Entre nós, o seu successo hontem foi completo, tendo *Miss* Fuller mais de dez *chamadas no meio de um verdadeiro* enthusiasmo. Quem viu apenas a paródia feita por Geraldine, não póde fazer a mais ligeira ideia do que seja a verdadeira dança serpentina que *Miss* Fuller hontem exhibiu. Só visto.

«Galeria Portugueza» — Aos nossos assignantes. — Tem obtido um magnifico exito em toda a linha, o primeiro volume d'esta explendida revista samanal illustrada que vê a luz no Porto e que conseguiu affirmar-se a primeira, no seu genero de illustração popular, dirigida pelo jornalista portuense, sr. Alberto Bessa. Esse volume, compõe-se de 419 paginas, excellentemente impressas sobre papel de luxo especial, assetinado, e contém cerca de 200 illustrações, quasi todas de pagina (e algumas de pagina dupla) em todos os processos, como sejam:—zincographias, autotipias, photogravuras, gravuras em cobre e madeira, stereotypia, etc.

Vistas, paisagens, retratos, allegorias, croquis, caricaturas, quadros, etc., se encontram n'este primeiro volume, emmoldurado tudo em bellos versos e escolhidas prosas dos mais festejados e applaudidos escriptores de Portugal e Brazil.

Publicação unica no seu genero, e propria para brindes, esse volume, de que poucos exemplares restam, custa apenas 1$000 réis no Porto e 1$200 reis nas provincias, barateza ainda não attingida por nenhuma outra publicação em Portugal!

Por deferencia da respectiva empreza o preço marcado para a venda no Porto é garantido para a provincia desde que os pedidos sejam feitos por assignantes do *Campeão das Provincias*, para o que basta envia com a quantia de 1$000 réis, o ultimo recibo da assignatura do nosso jornal.

Quaesquer pedidos devem dirigir-se á rua de D. Pedro, 110—1.º andar—Porto.

Certamen musical.— A' cerca do certamen musical que se projecta levar a effeito em Vianna do Castello, parece que o concurso se verificará em 21 de agosto, entre musicas civis portuguezas e hespanholas, com dois premios pecuniarios. Além d'esse festejo, em homenagem á Senhora da Agonia, haverá mais os seguintes:

Dia 18 — Pelas 10 horas da manhã peregrinação á montanha de Santa Luiza. A's 6 horas da tarde regata no rio Lima. A' noite fogo e illuminações no real santuario da Agonia.

Dia 19 —Tourada na praça do campo do Castallo, sendo cavalleiro Alfredo Tinoco. A' noite illuminação e fogo do ar e de arteficio.

Dia 20 —Segunda tourada, diversos devirtimentos no recinto da feira, e illuminações no jardim da praça de D. Fernando.

Dia 21—Certamen musical. Grande corrida de velocipedes, sendo convidados todos os *velocemens* do nosso paiz e Hespanha.

A crise da prata.—Nos Estados-Unidos está-se agitando o pensamento de formar uma liga com os outros Estados americanos e a China para declarar unica moeda legal a prata. Uma ideia colossal, mas que os proprios iniciadores d'ella consideram de difficilima execução.

Os tumultos em Paris.—Os jornaes estrangeiros do correio de hontem pouco mais amplam do que annunciou o telegrapho com respeito aos tumultos em Paris. A agitação tende a desapparecer. O encerramento da Casa do Povo, onde se reuniam as juntas de alguns syndicatos de operarios, não fez recrudes er as desordens como se receiava. Tem havido ainda uma ou outra collisão entre os desordeiros e a policia, mas de pequena importancia. O desanimo parece ter entrado no animo dos principaes promotores das desordens. Alguns jornaes dizem ter sido descoberto o agente de policia author da morte de Nuger, morte que fez tomar á manifestação dos estudantes proporções muito mais sérias. Parece, porém, que não passa por emquanto de uma vaga supposição.

O naufragio do «Victoria». — Dizem de Malta para o *Times* que entrou em uma doka de aquelle porto o couraçado *Camperdown*, que deu causa ao naufragio do *Victoria*. Aquelle couraçado está com a pôa partida a cerca de 9 pés, entre o tubo lança-torpedos e o esporão; as tres chapas proximas tambem estão abaladas. Diz-se que a presença de espirito de um serralheiro maltez salvou o *Camperdown*, de tambem sossobrar. Vendo o perigo que corria após o abalroamento, *o serralheiro foi apressadamente* fechar as portas dos compartimentos estanques. Quando procedia a esse serviço, a agua chegava-lhe até ao pescoço. O governo inglez concedeu-lhe uma pensão vitalicia. Parece que se torna impossivel fazer os devividos reparos ao *Camperdown*, na doka de Malta, visto não se poderem transportar para alli as enormes peças de ferro fundido de que o vapor carece.

O casamento do duque de York.—Foi na capella de Saint James que se realisou o casamento do duque de York e da princeza May de Teck. O cortejo entrou no templo pela ordem seguinte: Primeiramente a familia real e os principes estrangeiros, que occupavam oito coches, cujos cocheiros levavam ramos de flôres brancas; depois a côrte e a rainha Victoria, trajando um vestido preto coberto de rendas; em seguida o noivo, acompanhado do pai e do duque de Edimburgo; por fim a princeza May, radiante de belleza, seguida de dez meninas de honor, todas netas da rainha. A noiva trajava um vestido de setim branco com o corpete de seda pregueado, tudo coberto com grande profusão de rendas brancas e flôres de larangeira, que se distinguiam através das dobras do véu, extremamente comprido. A benção nupcial foi dada pelo arcebispo de Canterbury, sendo executado o côro nupcial do «Lohengrin». Houve um silencio solemne quando o arcebispo perguntou ao duque, segundo a praxe: «Quereis receber esta mulher por vossa legitima esposa?» O *sim* do duque foi pronunciado com accento firme; não se ouviu tão bem o *sim* da noiva, que a rainha Victoria beijou affectuosamente quando terminou a ceremonia, emquanto a princeza de Galles abraçava o filho com effusão. Eram 4 horas e meia quando o queque e a nova duqueza de York partiram para a estação de Liverpool-street. Os noivos passaram pelo Strand Fleet, a City, no meio de ornamentações de todo o genero, festões de flôres e bandeiras, vendo-se por toda a parte uma multidão compacta que se esmagava para vêr os noivos. Aquella multidão como que recebeu uma profunda decepção ao vêr os principes em uma simples carruagem, sem outro sequito que dous esquadrões de *horse guards*. Entretanto o duque e a duqueza de York foram calorosamente acclamados. Houve quem pagasse 36$ por um lugar na igreja e 480$000 rs. por uma janella. As illuminações, á noute, em differentes ruas, estiveram deslumbrantes.

Dáram-se varios accidentes: O marquez de Sinibaldi, tenente dos *Life guards*, cahiu do cavallo e feriu-se gravemente. Em Fleet-street cahiu um homem de uma janella, ficando logo morto; um outro foi esmagado por uma pedra. No Strand, houve alguns casos de insolação. Morreu uma mulher abafada, e muitas outras se sentiram terrivelmente incommodadas pelo calor nas avenidas e jardins circumvisinhos de Saint-James e do palacio de Buckingham.

Paixão por uma imperatriz.—Nas nossas *Cousas curiosas* mais d'uma vez tivemos occasião de nos referir a essa extranha e adoravel mulher que senta no throno da Austria, ao lado do imperador Francisco José. Mais uma, hoje, a imperatriz da Austria continua servindo de thema favorito aos escriptores que cultivam a especialidade das chronicas cortezãs. Eis uma aventura referida por uma de suas damas:

Incapazes de paixão alguma por ninguem a não ser por seu marido, a imperatriz tem-as inspirado, no entanto, a milhares de personagens, porque, como é sabido, foi durante muitos annos a belleza mais ideal da Europa.

Alto, bem proporcionado e de rosto formosissimo, o conde H. era official dos guardas hungaros.

Enamorou-e da imperatriz com o enthusiasmo do primeiro amor e teria commettido loucuras se alguma vez visse nos labios da soberana um sorriso de approvação. Uma noite, durante um baile, no castello de Schaenbrum, acompanhando-a n'um passeio pelos jardins, poeticamente illuminados pela lua, o official esqueceu-se de tudo, menos da sua paixão.

Verdade é que a jovem soberana estava então um encanto: vestida de branca semeada de diamantes, com esplendidas esmeraldas a scintillaremlhe no collo e nos cabellos, a sua etherea imagem semelhava uma fada levemente poisando nas aleas mysteriosamente illuminadas dos jardins.

O conde, fascinado por tanta beleza, *foi approximando-se* d'ella, embriagando-se na contemplação d'aquella idealissima figura, ao ponto de perder a noção do seu dever e chegar a estender para ella os braços com o fim de n'elles a estreitar, ao mesmo tempo que dizia coisas ditadas pela sua audaciosa e louca paixão. Antes, porem, de tocal-a, a imperatriz volveu para elle um olhar tão frio e arrogante, que o enamorado official caiu-lhe aos pés e cobrindo o rosto com a orla bordada do seu vestido rompeu em convulso choro, pedindo perdão de a tanto se haver atrevido.

— A esposa de Francisco José não perdoou, porem, ao official o insulto de que elle a tornara objecto. Depois de por momentos o ter olhado desdenhosamente, deixou-o de joelhos e entrando no castello foi contar ao imperador o que vinha de succeder-lhe.

Dois dias depois, o conde H... foi desterrado para os mais remotos confins da Hungria, onde morreu, depois de chorar por muitos annos a sua insensata paixão.

A exposição de Chicago. — A chegada das caravellas *Santa Maria Pinta e Niña* a Chicago foi um verdadeiro acontecimento, sendo recebidas com grande enthusiasmo. Os officiaes hespanhoes desembarcaram no meio de uma immensa multidão, que os proclamou e acompanhou até á estação central. Diz um correspondente que as caravellas estão chamando poderosamente a attenção do publico. Os tres navios, imitação das caravellas de Christovão Colombo, estão fundeados no lago em frente á exposição, tendo augmentado a concorrencia ao grandioso certamen universal.

O cholera.—Dizem de Paris que começa alli a recear-se que a epidemia cholerica se desenvolva como no anno passado. Um jornal *La Lanterne*, diz que falleceram em Clichy dois individuos atacados do cholera. Tambem se registraram em Puteaux varios casos de molestia suspeita. A molestia, porém, não apresenta por emquanto caracter epidemimo.

O Estado do Congo. —Diz a *Independance Belge* que se trata de organisar um exercito colonial no Estado do Congo, que será commandado por 8 officiaes superiores e 60 subalternos, todos pertencentes ao exercito belga. O rei Leopoldo interessa-se muito em que o exercito congolez esteja em breve organisado.

Singular accidente.— Ha dias deu-se um singular accidente no mar, perto de Skegness, pequeno porto situado na costa do mar do norte, no condado inglez de Lincoln. Trinta excursionistas andavam embarcados em um pequeno barco, não longe da praia, quando de repente brilhou um relampago, desapparecendo o barco quasi no mesmo instante. Dos 30 excursionistas, 27 pereceram afogados ou fulminados, pois suppõe-se que a descarga eletrica apanhasse a pequena embarcação.

Incendio e naufragio. —O telegrapho annunciou ter naufragado nas paragens das Filippinas o vapor hespanhol *Don Juan*, tendo perecido grande numero de pessoas. A'cerca d'este naufragio dão os jornaes hespanhoes varios pormenores.

O *Don Juan* dirigia se de Hong-Kong para Manilla. Trazia a bordo 300 passageiros. Depois de alguns dias de viagem, rebentou um terrivel incendio, e as pessoas que não morreram afogadas pereceram queimadas. Salvaram-se 42 tripulantes e dos passageiros desappareceram 126. Tripulantes e passageiros eram na maior parte hespanhoes.

O café do Brazil.—Em 3 de julho os *stocks* do café no Rio de Janeiro eram de 121:000 saccas e em Santos de 36:000, um total de 157:000 saccas. Durante a semana terminada n'aquella data as expedições foram de 70:000 saccas, sendo do Rio para a Europa 16:000; para os Estados-Unidos 39:000; e de Santos para a Europa 6:000 e para os Estados-Unidos 18:000.

Não ha falta.—O vapor *Durban*, da companhia União, encalhou perto de Tenarife, e como era este vapor que estava annunciado para fazer a viagem de 18 do corrente para Moçambique, conforme o contracto feito ultimamente com o governo, a companhia para não faltar a esse contrato, manda o vapor inglez *Warznambool*, de 3;515 toneladas de registo, mantendo-se assim a regularidade da carreira.

Um preto condecorado.—M. Samuel Lewis, um negro da Serra Leôa, acaba de ser nomeado pela rainha Victoria, official da ordem de S. Jorge, creada em 1818, pelo rei Jorge para os indigenas de Malta e das ilhas Jonias. Uma amplificação dos estatutos auctorisou, em 1850, a rainha Victoria a applical-a ás recompensas de serviços prestados nas colonias e no estrangeiro. E' a primeira vez que se concede esta distincção a um africano de côr. M. Lewis é adevogado. Sahiu da Serra Leôa em 1866, estudou na University College, de Londres, e regressou á colonia d'onde é natutal, em 1872. E' atualmente membro não official do Conselho legistativo da Serr Leôa.

Tem graça.—O deputado irlandez Jorge Barry foi condemnado, em audiencia publica. por querer beijar uma rapariga contra sua vontade. Porque soffreu o desaise d'uma condemnação, teve de renunciar o cargo que exercia. Costumes inglezes.

As descargas electricas e as pessoas fulminadas.—Lê-mos em uma revista scientifica que os diversos effeitos da descarga electrica observados em varias victimas tendem a provar que não é difficil salvar muitas das pessoas que á primeira vista são consideradas como fulminadas. A revista cita um caso occorrido perto de Berlim, no verão de 1891. Uma faisca cahira sobre um grupo de soldados, ficando inanimados um official e o corneta que lhe segurava o cavallo. O official recuperava em breve os sentidos, mas o corneta permanecia insensivel, quando houve a ideia de lhe applicar o methodo de respiração artificial em uso para os afogados. O resultado foi satisfactorio, pois o corneta foi salvo. A revista preconisa, portanto, este tratamento, accrescentando que, applicado immediatamente, a maior parte dos que são julgados como fulminados e considerados como mortos, pódem ainda ser chamados á vida.

Liquidação de um Banco.—Reuniram-se no dia 20 de junho findo, no Rio de Janeiro, sob a presidencia do sr. conselheiro Castriote, os accionistas do Banco de Portugal e do Brazil, sendo resolvida a liquidação amigavel do mesmo Banco. Para membros da commissão liquidataria foram eleitos os srs. dr. Oscar Várady e dr. Aprigio Alves de Carvalho e o Banco da Republica do Brazil.

Ravachol e os anarchistas.—Communica um correspondente de Pariz que se receia alli bastante que os anarchistas intentem fazer alguma manifestação ruidosa no dia 11 de julho, anniversario da execução de Ravachol. A policia tem tomado as necessarias medidas para evitar a manifestação.

Effeitos da cerveja.— Uma vez que tanto uso se faz d'esta bebida durante a estação calmosa, não é fóra de proposito que digamos algumas palavras sobre os seus effeitos no organismo. A cerveja actua phisiologicamente sobre o systema nervoso, pela quantidade de alcool que contem pelo acido carbonico, que tambem exerce uma acção narcotica, principios activos do lúplo, cuja acção se assimilha algum tanto á do canhamo indico, embora não produza o tethargo ou o delirio, como esta ultima substancia. Como qualidades uteis possue as de favorecer a digestão, mitigar a sêde tanto como outra qualquer bebida, e reparar as perdas da economia. A cerveja convem a todos os temperamentos, mas as pessoas dotadas de grande sensibilidade nervosa devem usal-a com agua. Tomada em grande quantidade, produz uma obesidade e debilita as forças activas do organismo. Se é muito forte, produz uma embriaguez maior e mais regugnante que a do vinho. Soffre a cerveja, ás vezes, uma alteração especial de origem não muito conhecida, que a turba e torna prejudicial, podendo occasionar indisposições mais ou menos duradouras. A prudencia aconselha a abstenção de todo o liquido fermentado que se encontre n'este caso.

A decana das locomotivas. — Ha dias, partiu para Chicago, de Jersey City, a locomotiva *John Bull*—a primeira machina a vapor que deslisou sobre trilhos no territorio dos Estados Unidos.

A decana das locomotivas — preciosa por seu valor historico—foi construida na Inglaterra para a Companhia do Camden & Amboy Railroad—New Jersey — e custou cerca de réis 4:000$000. Chegou á America em 1831, a bordo do navio *Alleyhany*, com os respectivos wagons, formando o primeiro comboio que substituiu as diligencias entre Amboy e Camden. A primeira viagem de experiencia teve logar a 15 de setembro de 1931; mas só a 15 de julho do mesmo anno *John Bull começou a fazer regularmente* o serviço para o publico.

Isaac Dripps, o machinista que a dirigiu, e seu successor — Samuel Dougherty—actualmente octogenario, assistiram, ha um anno, á inauguração de

---

131

FOLHETIM

PEREZ ESCRICH

OS CRENTES

TRADUCÇÃO

XIV PARTE

DRAMA DE FAMILIA

VII

Á TEMPESTADE EM FRENTE DA BONANÇA

No dia seguinte, todos os criados perguntavam uns aos outros a respeito da senhora.

—Não veio dormir a casa, ficou fóra.

Era quanto sabiam. O sr. Schauf fumava tranquillamente no seu posto, á espera do patrão que, segundo Lisette o informara, não podia tardar. Entretanto, começou a espalhar-se o alarme na casa. Ninguem sabia o que fazer nem o que propor: era uma balburdia. O porteiro, que quiz tranquillisal-os, disse-lhes:

— Esperem; o patrão está aqui antes de dois dias.

Esta declaração foi um raio de luz. O suisso sabia alguma coisa; mas fiel á ordem como bom helvetico, não despregou os labios para satisfazer a natural curiosidade da criadagem.

Fumava, passeava e esperava o momento critico em que devia desempenhar a commissão que Lisette lhe confiara, e a de Fanny.

— O patrão—pensou elle—é zeloso como um turco, tem repentes terriveis; eu fui o encarregado de dar o golpe final. Emfim, como a nuvem não descarregue em cima de mim...

Assim passaram dois dias, e na manhã do terceiro parou á porta uma sege de viagem. Schauf deitou a cabeça pela janella da guarita e viu o sr. de Tapulca e o seu administrador, que se apeavam. O mexicano subiu precipitadamente as escadas, chegou ao primeiro andar, atravessou a sala de espera, alguns corredores e entrou bruscamente no quarto de sua mulher.

Todos os criados lhe tinham franqueado a passagem sem lhe dirigirem palavra, sem comprehenderem porque o seu amo tomava a casa de assalto.

Tapulca respirou com força como o tigre que se prepara para continuar a lucta, e lançando um olhar terrivel em seu redor, gritou com toda a força dos seus pulmões:

— Fanny! Fanny!

Ninguem lhe respondeu. Chamou por Lisette no mesmo tom de voz. O mesmo silencio. Tapulca descarregou um terrivel murro sobre a meza, fazendo saltar em mil pedaços um candieiro e outros objectos, que juncaram o sobrado.

— Não ha aqui ninguem? !— exclamou o enfurecido mexicano.

N'este momento, um dos criados, o mais resoluto, ou o mais curioso, entrou no gabinete. Tapulca, ao vel-o, avançou dois passos, com o gesto de quem procura uma victima para saciar a raiva. O criado avançou tambem desafiando o perigo.

— Onde está a senhora?—Perguntou Tapulca.

— A senhora sahiu de casa faz hoje justamente tres dias—respondeu o criado.

— Tres dias!—repetiu levando as mãos á fronte, como se sentisse aguda dôr nas fontes.

— Sim senhor, tres dias.

— Mas para onde foi?

— Ignoramos replicou o criado encolhendo os hombros—Só sabemos que, seriam sete horas da noite, vieram dois moços de carga, carregaram com duas malas, e foram-se: pouco depois a senhora sahiu, e entrou n'uma carruagem de praça.

Tapulca estremeceu.

As palpebras fecharam-se-lhe e abriram-se-lhe com precipitação, e encostando-se ao marmore do fogão, tornou a dizer:

— Bem... dize a Lisette que venha, que estou á espera.

— Lisette tambem partiu com a senhora.

— Tambem Lisette!!

— Sim, senhor.

Tapulca, sentindo que as forças o abandonavam, deixou-se cahir n'uma cadeira, dizendo:

— Retira-te.

O criado sahiu.

Tapulca permaneceu alguns momentos com as mãos languidamente pendidas, a cabeça enterrada entre os hombros, o olhar fixo, vago, como um demente. Dir-se-hia, vendo-o, que o mundo desabara sobre elle.

Foi n'esta posição que Schauf o encontrou. O porteiro deu entrada com o seu bonet na mão e ficou parado, esperando que seu amo olhasse para o saudar e começar o desempenho da sua commissão.

De repente, o suisso viu que Tapulca fazia um gesto espantoso, como o homem que repelle para longe de si um objecto que lhe repugna, e levantando os olhos ao Ceu, ouvi-o exclamar:

— Mato-a! mato-a!

Schauf esteve a ponto de girar sobre os calcanhares e voltar para o seu posto no portal.

Mas era já tarde.

Tapulca tinha-o visto.

— O que faz aqui?—perguntou-lhe com imperio.

— O senhor hade desculpar, se venho incommodal-o...

— Basta, basta!—Quero estar só; —exclamou Tapulca sem o deixar concluir—ouviu... só, completamente só; e quem não quizer sentir a minha colera sobre as costellas, livre-se de se me apresentar antes de que eu o chame.

Schauf tinha de ante-mão feito a Lisette o sacrificio dos seus ossos, por isso aquella ameaça não o acobardou, e caminhando dois passos mais, sempre guardando as devidas distancias, disse:

— Eu peço perdão ao senhor... mas a senhora, poucos momentos antes de partir, entregou-me esta carta.

— Uma carta para mim!

— Sim, senhor.

— De Fanny?

— Da senhora.

— Dê-m'a... dê-m'a... e retire-se.

Schauf tirou cuidadosamente a carta do bolso e entregou-a, cumprimentando seu amo, e ficando firme como uma estaca e direito como um granadeiro de guarda na frente do seu imperador.

Tapulca rasgou o sobrescripto; mas antes de lêr o conteudo da carta, cujo contacto o fazia tremer, observou a rigida e grave figura do porteiro.

Vossê teimou em me desesperar?—perguntou Tapulca.

—Ah! senhor, eu sou filho da Suissa, e quando prometto fazer uma coisa, faço-a, ainda que me esfolleu vivo como a S. Bartholomeu. Tenho outra commissão que desempenhar.

— De minha mulher?—perguntou o mexicano.

— Não, senhor, de Lisette.

— Pois acabemos; o que é?

— Isto, senhor.

E Schauf entregou o pacote de cartas que poucos dias antes lhe tinha confiado a criada de Fanny.

Depois, sem precisar de nova ordem, saudou e dando meia volta sahiu por onde tinha entrado.

Tapulca ficou só. Contemplou por um momento a carta de Fanny e o pacote de Lisette. De repente, receiando, sem duvida, que o incommodassem novamente, correu á porta, fechando-a por dentro, e tornou a sentar-se na mesma cadeira. Tinha as cartas na mão, mas sem as lêr. De vez em quando, os olhos do mexicano, injectados de sangue, giravam nas orbitas com expressão ameaçadora, como os da leôa ferida em procura dos filhos para os vêr pela ultima vez. Afinal, decidiu-se a lêr a carta de Fanny.

Dizia assim:

«Sou uma mulher culpada, confesso, e não peço o teu perdão, mas sim o esquecimento. Parto, porque me seria impossivel supportar a tua presença... Parto para sempre. Nunca mais nos tornaremos a vêr. Risca o meu nome da lista dos vivos, e despresa-me; mereço-o. Adeus para sempre.

Fanny Ratt.

Quem conhece o genio violento e vingativo de Tapulca póde fazer idéa do effeito que lhe produziram as linhas que deixamos copiadas. Os seus grossos labios entreabriram-se para darem passagem a um sorriso que respirava morte, exterminio...

— Onde te esconderás, infame—murmurou o mexicano em voz baixa—que eu não vá dar comtigo?... E soltando uma gargalhada feroz, continuou:

— Diz a fabula que Orpheu baixou ao inferno em procura de sua mulher. Eu tambem me julgo capaz d'isso.

E de repente, descarregando um murro terrivel sobre o braço da cadeira, continuou:

— Mas quem é o seu amante?... quero conhecel-o... mas não... ella só é a culpada, ella só morrerá.

E vendo sobre o velador as duas cartas falsificadas por Cesar, pegou n'ellas com a mão convulsa, abriu-as e disse:

— E' a sua letra!... pelo que vejo tenho provas do seu crime, não para os tribunaes, mas para a minha vingança. Lisette receberá a sua recompensa: nunca julguei que essa mulher se portasse assim... melhor para ella. E Tapulca, fazendo um esforço violento, principiou a leitura das duas cartas.

(Continua.)

um monumento que a Companhia do Caminho de Ferro da Pensylvania exigiu em Bordentown, no mesmo logar onde *John Bull* foi pela primeira vez collocada sobre os trilhos.

A partida para Chicago da *John Bull*, arrastando o primeiro comboio que circulou na America, foi um successo, sendo indiviziveis as acclamações da multidão quando ella arfou, com toda a força de que eram capazes os seus velhos pulmões ou caldeiras, apitou com juvenil estridulo e poz-se em marcha lenta e magestosamente, como se fosse sensivel ás enthusiasticas manifestações populares e orgulhosa da carga que levava: *reporters* e homens notaveis de todas as classes sociaes, que acceitaram o convite para a viagem no comboio historico.

Em 1860 a *John Bull*, que havia prestado longos e excellentes serviços, foi reformada e guardada como reliquia. Em 1876 figurou na exposição de Philadelphia e ainda hoje funcciona muito bem.

O sal.—Certo rei, selvagem de costumes e que habitava uma região asiastica, que elle governava com tyrannia, possuia tres filhas, lindas como amores: Lathilia, Ica e Bethalina; eram os nomes por ordem de idades.

Um dia foram chamadas á presença do pae, que tinha reunido em redor de si todo o seu séquito para as interrogar. Lathilia, formosa como estrella matutina, interrogada pelo Rei, assim:

«Gostas de mim tanto como gostas de quê?»

«Do Sol»—respondeu.

Sua Magestade cobreada gostou da resposta e como paga deu-lhe um terno beijo, mandando-a retirar e chamando Ica—tambem formosa — para responder á mesma pergunta:

«Gostas de mim tanto como gostas de quê?»

«Da Lua» foi a sua resposta, de que o Rei pareceu ainda mais gostar, porque a beijou mais ternamente do que a Lathilia.

Finalmente, ao approximar-se Bethalina, o pae, de novo fez a mesma pergunta a que ella respondeu, com o seu ar angelico:

«Como gosto do sal».

Era o Rei pouco entendido em questões culinarias, talvez por isso se exasperou e levantando-se do seu throno, ordenou que immediamente levassem sua filha para uma masmorra, onde a condemnava a esperar a morte que entendesse lhe devia dar, por ter comparado a amisade filial a coisa tão pouco poetica e na sua falsa opinião tão pouco importante... *o sal!*

Não podia a sua ignorancia admittir que depois de uma das filhas egualar a sua amizade pelo muito que adorava o Sol e a outra ao muito que gostava da Lua, viesse a terceira comparar este sentimento ao apreço em que tinha o... Sal!

Ignorante Rei! como lhe fez ver o mestre da sua cosinha.

Era este—um homem já velho—muito affeiçoado a Bethalina e vendo a sua querida menina, tão formosa e tão boa, soffrer os horrores da prisão esperando os da morte; ordenou que na comida de Sua Magestade se não deitasse sal a mais pequena particula de sal. Assim succedeu. A comida foi servida ao Rei, sem este temparo e elle, que ao principio nada disse por vergonha, imaginou-se até doente com a falta de paladar e terminou por interrogar o mestre de cosinha, que lhe disse: «não ter a comida levado sal, motivo porque ninguem gostaria d'ella».

O Rei, ouviu, e depois d'alguns minutos de silencio levantou-se e chamando um dos seus ministros, elle mesmo foi abrir as portas da prisão onde Bethalina chorava a sua desventura, dizendo-lhe:

«Vejo agora que és a mais esperta e a mais amiga das minhas filhas e a comparação que fizeste, mostra bem a amisade que me dedicas, por isto viverás e serás sempre feliz e querida por mim.»

.....

.....

Como o rei, d'alli em diante, gostava do sal e da sua... Bethalina!

O abestruz.— Esta ave é conhecida desde tempos mui remotos e d'ella fazem menção os livros sagrados. O abestruz habita nos desertos e prefere os logares mais solitarios e mais aridos, onde quasi nunca chove, o que parece confirmar o dito dos arabes de que esta ave não bebe. A vida do abestruz deve ser muito penosa em solidões vastas e estereis; mas elle lá encontra a liberdade e o amor, elle evita a sociedade do homem, mas o homem que sabe, quanto lhe póde aproveitar, vae procural-o nos mais selvaticos retiros e sustenta-se da sua carne, dos seus ovos e do seu sangue e gordura e adorna-se com as suas pennas. O imperador Heliogabulo, prototypo dos comilões, banqueteou-se um dia com os miolos de seiecentos abestruzes. Os habitantes de alguns districtos de Africa lhes comem a carne e vendem as pennas. O abestruz tem de sete a nove pés de altura desde a cabeça até ao chão e do costado para baixo raras vezes exede trez a quatro pés, porque o restante é o excessivo comprimento do pescoço. A cabeça é pequena; o bico é largo; curto e abobadado. As azas são armadas de esporões; os pés fortes e de côr pardo escuro. As azas não lhe servem para voar, mas sómente para o ajudar na carreira; as pernas mais parecem de quadrupede que de ave. Os ardentes areaes da Africa e da Asia são os paizes nataes dos abestruzes. Quando o abestruz corre tem um aspecto valente e altivo; nenhum cavallo o alcança. A's vezes acham-se ninhos com sessenta ovos. O periodo da incubação dura trinta e seis a quarenta dias. Um ovo de abestruz, contém tanta substancia como vinte e quatro de gallinhas caseiras. Os frescos teem bom paladar e são tidos por alimento sadio. Os colonos do Cabo tomam estas caçadas por grande divertimento; e além d'isso teem interesse em os destruirem por causa do estrago que fazem nas searas, deixando campos inteiros de trigo só com a palha. As pennas são a causa geral da guerra que lhes fazem.

Padre Moysés Nora

(PORTUGAL = CANTANHEDE (1)

Alto, muito posto nos seus calcanhares, elegante, sympathico, talentoso, meio espumante e todo phantasista; d'animo altivo e independente, muito accessivel ao resentimento e muito prompto ao desagravo; o ar—meio bonacheirão, e o sentimento—todo popular; orador, jornalista e padre, eis o homem que conheço, que Cantanhede reconhece como filho, que Aveiro admirou e que Cadima possue.

Além da sua activa collaboração em outras gazetas, a *Ordem* e muito especialmente o *Jornal de Cantanhede* teem n'elle um verdadeiro chronista,—espero o dia em que elle venha aqui e para aqui para terem a chronica *chronica*.

Um dia lembrou-se de fazer um livro para fazer o seu nome. Quanto a mim não o conseguiu, mas acredito que ha-de conseguil-o. Esse livro, cheio de defeitos e de virtudes, foi o primeiro que elle escreveu.

Além d'outros bellos predicados, Moysés Nora possue uma qualidade precisa para quem começa a escrever—é perseverante. Cheio de boa vontade e perseverante elle ha-de acabar por insinuar-se e ha-de ir longe. Agora está em Cadima, onde é bemquisto de todos.

Rio de Janeiro 21—2—93.

Azzael.

(1) Extrahido da importante folha *Echos do Brazil* da secção *Galeria d'homens notaveis e prestimosos nacionaes e extrangeiros*.

CARTA DE CANTANHEDE

12 DE JULHO DE 1893.

Realisou-se no dia 9 do corrente a récita a que nos tinhamos referido dada pelo Grupo Dramatico d'esta villa, subindo á scena as chistosas comedias —*Ha mais Marias na terra*, *Dois surdos*, *Um rapaz distrahido* e a poesia *Festa e caridade*, que muito agradaram. Os rapazes que tomaram parte n'este explendido espectaculo foram, Manuel Cravo, Duarte Pinto, Antonio Pinto de Carvalho, Manuel Figueiredo, Roberto Pinto *e o Ex.mo*, que desempenharam bem os seus papeis. A poesia foi recitada por José Virgilio Murta. O seu desempenho foi melhor do que era esperado. Tambem tomaram parte n'este brilhante espectaculo as fascinadoras e sympathicas amadoras Julia Saro, Maria Simões e Maria Crava, que são dignas dos maiores elogios pelo magnifico desempenho dos seus papeis. Foram alvo d'uma imponente manifestação as gentis amadoras. Os *bouquets* arremessados ao palco foram em grande numero. O theatro estava litteralmente cheio. Caracterisação explendida. Musica boa.

Felicitamos, pois, o seu ensaiador e caracterisador e a todos que tomaram parte no espectaculo e fazemos votos para que não desanimem, aproveitando ao mesmo tempo occasião para agradecer ao Grupo a cadeira que nos offereceu.

— Os exames elementares já principiaram.

— No passado sabbado reuniram os 40 maiores contribuintes para approvar o orçamento, ficando a sessão addiada para o proximo sabbado por falta de numero.

— Corre que as senhoras projectam dar um baile na Praça Municipal d'esta villa. Será certo?!!!

— Grossa pancadaria no domingo passado.

— O vinho regula por 1$850 réis os 22 litros.

— Concorreu ao concurso do logar de escripturario de fazenda, vago em S. Thomé, o sobrinho do sr. governador civil de Coimbra, o nosso amigo José Gama.

— Estiveram n'esta terra os srs. Evaristo Camões, Mario Gaio e Martins.

Correspondente.

CARTA DE CADIMA

11 DE JULHO EE 1893.

Quem no domingo proximo preterito passasse a este lugar, diria logo—Cadima está em festa. Mas que festa? Era uma festa rijamente infernal, uma verdadeira parodia ás tão celebres *latadas* de Coimbra.

Não, não dizemos bem. As *latadas* de Coimbra constituem o culto d'uma ideia nobre, porque é inoffensiva:—uma festa até certo ponto sympathica porque todos os annos symbolisa o termo de mais um anno d'improbas fadigas no estudo e a applicação com que uma academia inteira tem constantemente de hombrear. Ao contrario a festa do dia 9 em Cadima foi uma festa ruidosamente grande mas tristemente ridicula porque tinha por objectivo propalar uma acção baixa, labrêga, grosseira, alvar, que o caracter maculado e o cerebro esquentado de José Gaspar d'Oliveira fizeram pôr em pratica perante a brilhante conducta do ex.mo sr. Antonio José d'Almeida, cavalheiro tão querido por nós como respeitado por todos.

Vamos ao caso.

Ha 3 annos Gaspar vendeu a Almeida um pinhal por 8 libras. Feito o contracto Almeida pagou-o e entrou na posse. Porém, como nem sequer lhe passasse pela ideia os maus instinctos de Gaspar, não exigiu logo documento de segurança de venda. Passam-se 3 annos; e agora, a pedido d'um amigo, Almeida vendeu o dicto pinhal que comprou a Gaspar. Fez-se o contracto, Almeida recebeu a competente importancia; e, entrando o novo comprador na posse, Gaspar prohibe-lh'a *sob pena de lhe pespegar no lombo uma multa*. O novo comprador corre logo a fallar com Almeida e este vae ter com Gaspar para lhe passar documento em como lhe tinha vendido o pinhal;—mas qual o seu espanto quando Gaspar *lhe nega a palavra*, recusando-se a tudo e attribuindo as culpas á mulher, quando ella foi a propria a consentir que Almeida usufruisse os reditos durante 3 annos!

A que o homem chega! José Gaspar d'Oliveira *não tem palavra*:—se para elle esta qualidade é a sua mais brilhante nobreza de caracter, incontestavelmente para a sociedade é o mais escalavrado e impudente predicado que um homem poderá envergar.

Mas acções d'estas não devem ficar na penumbra continuando os seus perpetradores a militar, embora apparentemente, no campo da honradez. E' por isso e para isso que na tarde de domingo ultimo appareceu d'improviso em Cadima, percorrendo todas as ruas, até altas horas da noite, caixas e bombos; duzias de foguetes sem estoiros subiram ao ar, e na frente o endiabrado rapazio, folgazão, contentissimo, parte munido de bombas e bichas e a outra parte de latas, alcatrazes, caldeiras velhas, enchadas, regadores, assobios e muito povo a acompanhar com *serrotes* em cortiços, uma gazarra infernal, ensurdecedôra, inscriptivel...

E no meio de toda esta Babylonia perguntava-se, o que é isto?

Resposta frizantissima de todos:—*E' o José Gaspar que negou a palavra ao sr. Almeida.*

Triste, tristissimo, melodramaticamente carnavalesco!...

O protegonista da festa está avaliado. A opinião publica condemnou-o d'uma vez para sempre. Salve-se, se puder. Mas creia que todas as tentativas ser-lhe-hão improficuas. Assim o quiz, assim o tenha.

— Partiram hoje para a Figueira da Foz, a fim de alli passarem a presente epoca balnear, os nossos dedicadissimos amigos, srs. Antonio Francisco das Neves, e Antonio José d'Almeida e sua esposa.

— Chegou de Vizeu o sr. Cezar, applicado estudante do seminario da mesma cidade e sobrinho do nosso amigo, revd.º José Maria de Carvalho. Aquelle mancebo vem d'alli fazer o acto do 1.º anno theologico, ficando plenamente approvado. Felicitamol-o.

— O *cocluche* continua victimando creanças nos Fornos, d'esta freguezia.

— Tambem por aqui corre de bocca em bocca, e com um furor incalculavel, a requintadissima ballela do vinho da proxima colheita estar todo envenenado com a *calda bordaleza*. Tal boato está atemorisando integralmente o pobre povo que se vê flagellado por todos os lados. Até um palerma que ha poucos dias aqui passou fez-se pregoeiro de que o nosso governo já tinha mandado circulares para todo o concelho d'elle para que todos os lavradores cortassem já os cachos de molde a não se aproveitarem, porque estavam envenenados!!!

Estes, e outros patifes de egual jaez, é que precisavam d'um severo correctivo. Está devidamente e scientificamente provado que o *sulfato de cobre* não malefeciona o vinho, antes pelo contrario vitalisa a cepa espantosamente. O primeiro cavalheiro que aqui o principiou a applicar foi o sr. Neves, pelo que vae auferir excellente resultado, pois que quasi todas as suas vinhas estão uma belleza!

Os boatos infundados e perniciosos que se tem espalhado têem promovido a subida do vinho que já se encontra a 1$950 réis os 22 litros!

— Chove torrencialmente. Povo contentissimo por causa das regas.

P.e Moysés Nora.

SECÇÃO LITTERARIA

UMA MENINA VALORISADA

Sobre a nudez forte da verdade o manto diaphano da phantasia»

Ha tres annos atraz conheci o Oscar d'Almeida, caixeiro na *Maison Moderne*. Todas as quinta feiras eu, Carlos Alberto e Luiz de Carvalho tinhamos o costume de jantar n'este hotel e gostavamos de ser servidos por este rapazola esperto e vivo, de physionomia intelligente e energica. Era um d'estes jantares de moços bulhentos e estrepitosos, onde se derramava a alegria dos merid onaes, palreira e espumante. Depois do café, accesos os charutos, travavamos longas discussões sobre mulheres e sobre a arte, onde analysavamos com o mesmo ardor de convicções e o mesmo enthusiasmo de linguagem o branco collo de Lucie e o ultimo romance de Zola.

Muita vez Oscar se approximava da nossa mesa e attento seguia essas conversações, onde a *verve* scintillante dos meus companheiros se derramava em paradoxos brilhantes, em ironias canslicas e mordazes. Parecia que elle procurava instruir-se, gravar na memoria estas palavras buriladas e luminosas que sahiam dos labios de um grande poeta e de um orador illustre. Mais tarde os azares da sorte, a lucta da vida, separaram os tres amigos tão unidos. Carlos Alberto foi para a Italia, a patria de todas as artes, sob o pretexto de desempenhar uma commissão do governo, uma sinecura, mas em verdade para escrever o seu livro de versos, em uma romanesca e solicitaria *villa*, nos jardins de Zola Bella. Luiz de Carvalho partiu para Minas, encarregado de execuções hypothecarias, negocio que lhe daria muito dinheiro, mas que embrutecia seu espirito em tricas forenses, elle que nascêra para os grandes debates do jury, onde sua palavra espadanava vibrante, nervosa, eloquente, apaixonada.

Ficando aqui só, não frequentei mais o hotel, que me lembrava amargamente os meus queridos amigos, e nunca mais vi o caixeiro que nos servia, sempre esperto e vivo.

Tempos passaram. Nasceu e morreu muita gente. Cahiam as folhas das arvores e ás negras noites chuvosas do inverno succediam os brancos luares do verão. Em uma tarde de setembro, por occasião da jogatina da Bolsa, subia eu o Cattete quando me encontrei com Oscar d'Almeida. Não o reconheci ao primeiro olhar. Descia em uma elegante victoria puxada por dois soberbos alazões dos pampas argentinos, e na boléa aprumavam-se, empertigados e têsos, dois cocheiros inglezes. Vinha em uma alta correcção de *toilette*, roupa clara de verão, chapéo de castor branco, botinas de verniz e nas mãos enluvadas segurava um leve junco de castão de prata oxidada. Reclinado na almofada, de pernas trançadas, olhar distrahido e vago de quem paira em uma atmosphera superior, elle tinha o ar soberbo e altivo de um napolitano, com a sua barba cerrada e negra, seus grandes olhos pensativos e humidos. Sorriu-se ao vêr-me e com um gesto familiar e protector fez signal para que me aproximasse. Então, emquanto ao seu lado me conservava n'esta attitude respeitosa que se guarda com as pessoas de elevada posição social e o carro descia a trote largo, provocando a admiração basbaque dos transeuntes, contou-me em traços rapidos a historia da sua vida. Fez-se *zangão*, foi feliz e, atirando-se em mais altas empresas, lançára diversas companhias. Era agora director de banco, a sua secretária estava cheia de titulos e a vida corria-lhe feliz e próspera, em um mar de rosas, illuminada pelos sorrisos das mulheres bonitas. Ao despedir-se de mim, offerecendo-me um charuto caro de Havana, convidou-me para no proximo domingo ir almoçar em sua casa, no Rio Comprido.

Não faltei. Já encontrei lá diversos banqueiros conhecidos, dois antigos senadores do imperio convertidos em directores de companhias, alguns corretores, um jornalista influente e dando a nota alegre da festa, como irriquietas borboletas do prazer e do amor, Chiquinha Mascotte, vestida de lilaz, sempre attrahente com aquella côr de ambar pallido, e Melanie Forestier, alva e loura, de uma carnação luzidia como a anca d'um cavallo de corridas. Emquanto esperava o almôço, estudei a ornamentação da casa. Não havia o luxo excessivo e sobrecarregado do *parvenu*. Tudo era de um gosto sóbrio e artistico, apurado e fino, de quem conhece bem a arte dos *bibelots* e *bric-a-brac*, de quem sabe distinguir um bronze verdadeiro, uma porcellana de Lave d'entre a alluvião das imitações francezas.

O banquete correu esplendido e animado na excitação de vinhos finissimos e velhos. Mas eu pouco me divertia em uma roda que só fallava em negocios e milhões, eu que não sabia o preço de uma acção e que só tinha no bolso moedas de nickel. E, apesar do franco acolhimento de Oscar não voltei mais a sua casa.

Tempos passaram. Surgiu a *debacle* medonha e pavorosa, devorando as companhias, liquidando os bancos, tornando inuteis e sem valor papeis ha pouco disputados. Desappareciam os carros, procuravam os *zangões* outro emprego, emigravam as *instantaneas*. Não se falava mais em milhões e uma pelega de cincoenta passava a ser extraordinariamente considerada. Encontrei-me então no largo de S. Francisco com o Oscar d'Almeida.

Ainda conservava a victoria, os soberbos alazões dos pampas argentinos, os cocheiros inglezes. Ainda tinha a mesma correcção de *toilette*, o mesmo ar altivo e desdenhoso de fidalgo napolitano, com a sua barba cerrada e negra, os seus grandes olhos pensativos e humidos.

Mas notei n'elle certos movimentos sacudidos e bruscos, rapido tremor de mãos, que denunciam a agitação nervosa produzida pela impaciencia do espirito em lucta com sérias difficuldades. Por motivos longos de explicar, eu tinha em casa fatias de fiambre e de perú assado e algumas garrafas de um magnifico Collares. Convidei-o a jantar commigo e ahi, na expansão das confidencias entre rapazes, quando o estomago está farto e a fumaça dos charuto vôa ao tecto em espiraes azues, elle desabafou. Estava completamente arruinado, sem dinheiro e sem meios de o obter. Aquelle luxo apparentemente deslumbrante custava-lhe o sangue das veias, só o sustentava para manter os restos de crédito, para alguma especulação. Não se podia lançar companhias, nem fundar bancos. Mas não voltaria decerto á antiga nobreza.

Já tinha plano formado, o meio seguro e conquistar nova fortuna: era o casamento com alguma menina valorisada. Aquelle carro, aquelles cocheiros faziam acreditar que ainda estava rico e assim seria facil enganar algum pae paspalhão e empolgar a preza ambicionada, a menina valorisada. Já andava fazendo a côrte á filha de um vendilhão, sovina e tratante, que estava immensamente rico. A pequena era feia, sécca e magra como um cabo de vassoura, a cara chupada e coberta de sardas, tôla e sem graça, uma manteiga de Petropolis, insipida e sem sal. Mas tinha o ouro, que a tornava irresistivel e seductora.

Eu protestei com uma indignação vehemente de moralista contra esta cynica theoria de meninas valorisadas. Fiz vêr ao Oscar que o casamento devia ser a consequencia do amor, a união de duas almas que, separadas em corpos differentes, se unem e se attrahem na concordancia dos sentimentos, na harmonia dos affectos, companheiros inseparaveis para as jornadas da vida. Só assim elle é feliz quando o marido sabe que sua mulher o alenta e consola nos dias da desgraça, partilha das suas tristezas e alegra-se com suas esperanças; quando a mulher sabe que sómente por ella e pela patria bate o coração de seu marido e lucta seu braço. Mas fazer do casamento uma especulação para adquirir fortuna, é ignobil e torpe, é a prostituição d'uma mulher enganada, é uma hypocrisia revoltante.

— São theorias de poeta, replicou-me o Oscar em um tom de desprêzo. Não é com o amor que se paga a casa e os fornecedores, a conta da modista, as despesas de doenças. Tal moeda não tem curso no mercado. A vida sómente é feliz quando corre larga e facil. No dia em que te faltar dinheiro para as despesas ou mesmo para dar a tua mulher o vestido que ella deseja, o amor evapora-se, em vez de caricias has de receber gritos e queixas, a tua casa converte-se em um inferno insupportavel. E estas duas alminhas que se suppunham eternamente unidas ao eterno amor hão de aborrecer-se e odiar-se, attribuindo uma á outra a desgraça que as persegue. Uma unica idéa será commum ás duas—maldita a hora em que me lembrei de casar. Eu sou prático e experiente, conheço a realidade da vida, não alimento illusões e portanto só me caso com uma menina valorisada.

E d'ahi a tres mezes casava-se com a filha do vendilhão sovina e tratante. Realisara-se o seu sonho. Era marido de uma menina valorisada.

Tempos passaram. A terra continuou a mover-se ao redor do sol e do seu eixo. Floriram as magnolias. Palpitavam no azul do céo as brancas estrellas. Em uma manhã perfumada e quente encontrei-me com o Oscar de Almeida. Vinha a pé pelo largo da Lapa, modestamente vestido, usando apenas bigode, sem aquelle porte altivo e desdenhoso de fidalgo napolitano. Admirado d'esta subita transformação psrguntei-lhe logo:

— Depois de rico déste em avarento?

— Eu rico? respondeu-me em tom de profundo pesar. Fui roubado, levei uma formidavel espiga. O vendilhão sovina e tratante perdeu na Geral o que possuia. Em vez de largos cobres aguento com uma mulher pobre e feia. Arranjei um logar na intendencia para poder viver. E sirva isto de exemplo aos que querem sómente casar-se com meninas valorisadas.

Rio de Janeiro, maio de 93.

Ignoctus.

ALMAS DO OUTRO MUNDO

Uma creada que lá em casa havia chamada Brigida, que, devido á sua adeantada edade, já estava aposentada, formada em contos e anecdotas, entre muitos contava-me um que ainda hoje me lembra. Parece-me que a estou vendo, com seu lenço de cambraia muitro branco, na côr rival de seus cabellos, e sempre em guerra aberta com elles; os vestidos muito lavados, e sua companheira inseparavel, a roca, na cintura, que por signal sempre estava carregada; semi-dobrada como quem procura um palmo de terra onde repousar! E já o encontrou, coitada! Era tão asseiada a boa da velhota! Que saudades eu não tenho d'ella!... Puchava o linho, dava cuspo nos dedos, e ao som dos zé, zé, zé do fuso que entre seus dedos redopiava, ella assim á sua historia dava começo:

«Havia uma casa muito grande, muito velha, situada no meio d'um campo, cercada por um muro muito alto, e em volta toda cheia de arvoredo. De fóra mal se podia lobrigar, e mesmo o sol a muito custo lá podia penetrar; pertencera a antigos fedalgos.

No sitio proximo corria que na casa appareciam almas do outro mundo, appareceu um dia lá uma familia, eram todos muito altos, muito vermelhos, falavam uma lingua que ninguem percebia, diziam que eram inglezes; gostaram da casa, allugaram-n'a e começaram a habital-a. Os diabos são muito esquisitos, tem d'aquellas manias!

Pouco tempo porém se gosaram d'ella, um bello dia desappareceram, e assim como vieram, assim se resparam. No logar proximo logo disseram que tinha sido por medo das taes almas. Pois se ellas lá appareciam, e eram tantas! E olhe menino, proximo da casa mesmo de dia, não passava por lá viva alma, isso sim tinham um tal medo!... Diziam que as almas dos fidalgos, nem no inferno o diabo as quizera, e de maneira que andavam cá por este mundo, a penar.»

N'isto fazia pausa, puchava o linho muito branco, e fazia redupiar seu inquieto fuso: depois continuava:

«Aconteceu porém que andando dois caçadores á caça, por alli proximo, anoitecera-lhes no caminho; chuvia muito, uma noute muito má, e muito feia. Os homensinhos viram-se de repente ao pé da casa, e como não sabiam nada por serem de longe, abriram o velho portão de ferro, que dizem que até se admirou de o encommodarem, e entraram. Bateram á porta: uma velha quasi tão velha como as casas, que mais de vinte vezes lá no sitio já tinha sido serrada, preguntou-lhes o que queriam. Os pobres dos homensinhos, todos ensopados, a tiritarem de frio, disseram que se tinham perdido, e pediram-lhe pousada para essa noute. A velha de bocca aberta, muito admirada pelo atrevimento d'elles, disse-lhes que asim, que entrassem, e deu-lhes um quarto muito grande para elles ficarem.

Deitaram-se, mas com medo dos ladrões, deixaram ficar as espingardas á cabeceira. Pela noite velha accordaram, mas como elles não ficaram passadinhos de susto, quando viram entre portas duas cousas brancas, muito serias. Agarraram nas espingardas para lhe atirar, mas as almas quando viram isto sahiram pela porta fóra, e elles correram atraz d'ellas.» Quahdo ella chegava a esta altura, sentia um frio glacial percorrer-me toda a espinhal medulla. «No jardim pararam, mas pelo velho portão de ferro começaram a entrar muitas cousas brancas, que vinham a modes em batalhão... Eram todas as almas dos fidalgos. Elles apontaram, mas como as espingardas estavam molhadas, não fizeram fogo; ainda deram coronhadas, mas por mris que dessem não lhe tocavam, pois se ellas não teem corpo!... Quando viram isto, deitaram fogo á casa, largaram as espingardas, e, mandando ao diabo as almas do outro mundo, fugiram. Para o logar proximo foram contar o succedido. Todos se levantaram e vieram vêr de longe o fogo da casa; estavam muito contentes. Quando o tecto caiu, viram subir, e todos estremeceram, muitas almas juntamente com o fumo: e tambem lá ia a da velha.

Durante muito tempo não se fallou n'outra cousa em todos os logares proximos: e olhe menino, foi tal o susto que tiveram que nas proximades da casa nunca mais tornou a haver terra lavrada.»

dito não fosse bastante a estabelecer a opinião em que hoje devemos ter Antonio Bernardo, uma simples reflexão bastaria a nos destrair todo a duvida — *estou pobre* disse elle na sessão de 1842, *estou mais pobre do que dantes*,—pois bem, nós aceita-mo-lo pobre como estava, pobre como elle proprio se declara, e limitamo-nos a observar o seguinte, — os seus rendimentos não cresseram, a sua despesa subio, e a sua fortuna pulou:—aonde encontraria elle o Potosy?!—*O ministro, dizia mais o mesmo Cabral na sessão de 1843, o ministro não pode prescindir d'um só maravedi das seus ordenados*, — como pois pôde elle prescindir de tantos milhares d'elles para se fazer proprietario?! Eis os factos que a nação testemunha, a historia aceita, e o futuro hade julgar.

Uma vez instalado o parlamento appareceram como era de esperar as increpações ao falsario, as accusações ao dilapidador, as invectivas contra o Catalina Cabral defendeu-se como pôde, pedio até mesmo que o defendessem, fez o que era possivel fazer-se; mas o ferrete da traição apparecia-lhe tão profundamente estampado no rosto que não houve quem se illudisse; todos descobriram o punhal do sicario atravez das galas do heroe: os seus mesmos não ousavam quebrar lanças por elle, como que tinham pudor de o defender, e quando alguma vez o faziam era mais pela conveniencia do facto, do que pela moralidade dos meios,—*boa foi a restauração*, diziam elles, *mas a acção de Antonio Bernardo foi má*.

Correndo os tempos e as cousas, ainda bem não eram volvidos seto mezes depois d'organisado o ministerio de 27 de fevereiro, e já os collegas com que elle voluntariamente se ligára, começavam a servir-lhe de peso; já ambicionava alguma cousa de mais intolerante que os Terceiras, de mais docil que os Mellos, de mais efficaz que os Campelos; querendo por tanto despojar-se dos tres de fazer subir á scena uma farça. Vamos conta-la. Gorjão, presidente da camara dos deputados, simulando desgosto pela marcha dos negocios, e de combinação com os irmãos Cabraes, que para angaria-lo lhe haviam promottido a pasta das justiças pela demissão do ministro existente, convidou a maioria a uma reunião em casa do advogado Pereira de Mello. Os que na primeira noute concorreram não passariam d'uns trinta. Gorjão vio que o numero era escasso, mas já que trazia a alocução estudada entendeu ser bom repeti-la, e posto que a trabalhasse de fórma a não ser comprehendida de todos, sempre d'ella se deprimia o seguinte,—que o ministerio estava fraco, — que de dia para para dia perdia em força moral, — que á excepção do ministro do rieno quasi todos os mais eram nullos, — que nenhum havia que soubesse sustentar o seu posto, — que reflectisse a maioria no que acontecera em S. Bento por occasião da interpelação sobre o *navio Gloria*,—que Antonio Bernardo com quanto athleta das côrtes não podia fazer face a tanto inimigo,—que vissem com que coragem tomava a defesa dos collegas,—que verdade é fazia milagres, mas que continuando as cousas como iam, uma vez que o gabinete não fosse reforçado, havia de acabar por ceder á tormenta,—e em fim que attendendo a este conjuncto de circumstancias, concluia elle convidando os presentes, a que com a maior franqueza possivel quizessem dizer a sua opinião sobre o caso. O tiro dirigia-se visivelmente a Terceira; Tojal estava demasiado ligado aos Cabraes para que o desejassem ver demittido; Mello tinha pedido a sua demissão: Campelo havia muito que de facto deixára de ser ministro, porem atacar o gigante de frente era empresa superior ás forças dos pigmeos, e para combate-lo de flanco pedia a prudencia que se não declarasse alli o seu nome, nem outra cousa se fizesse senão involve-lo na generalidade das accusações. N'esta primeira reunião nada porém se effectuou; uma voz pedio a demissão de Tojal, outra que se lessem os capitulos de arguição contra Mello, e o resto dos assistentes, que com pequenas excepções não possuiam a chave do enigma, dando pouca importancia ao que em sua presença occorria, e retirando-se por isso prematuramente da salla, foi necessario convida-los á segunda. A essa concorreriam quarenta; e entre as figuras que de novo appareceram, dous houve que se tornaram mais celebres: uma de ellas, o José Bernardo, affectando representar o papel de indifferente, permaneceu em quanto pôde escondido a traz da Aguiar, cuja exemplar probidade, cuja honesta pobreza, cuja isempção de caracter parecia constituir a satyra viva de Antonio Bernardo; Aguiar, sem o qual nunca elle houvera feito parte da administração de 20 de novembro; Aguiar, a quem o Cartista converso havia pouco mais de dous annos tinha dado o torpe osculo de Judas a bordo do vapor Porto; Aguiar, dizemos nós, alcunhado de revolucionario, careceu homisiar-se por quasi o espaço de tres mezes para escapar ás furias da perseguição. Castello Branco, que desde os primeiros dias de sua vida politica sempre o vira no parlamento tão sensato nas idéas, como moderado na fase, crusou em navios do estado por um simples firman de Cabral para mais de quatrocentas legoas do mar; feliz elle que não foi espirar em Sertões de Africa, como outro firman lh'o promettera, o delicto de aborrecer um máo ministro. Bastos, cornel de artilheria, outr'ora ajudante de campo do Imperador, distincto por seus serviços á Carta em todas as épocas de crise, e o homem que talvez mais tenha coadjuvado Antonio Bernardo a distruir as resistencias com que o actual presidente do conselho parecia querer impedir que lhe conferissem uma pasta, quando depois do decreto de 10 de fevereiro tantas seducções se empregaram para isso, ainda hoje moralisa nos cerceres de S. Jorge, victima da ingratidão do miserrimo, a muita philosophia da fabula que aconselha a não acalentar viboras no seio, Em fim os tres chefes da revolta Cesar de Vasconcellos, Bomfim e José Estevão, cujas antigas relações d'intimidade com Antonio Bernardo pareciam dar-lhes direito a esperar que quando a sorte lhes fosse avessa, não encontrariam n'elle um verdugo e um barbaro algoz, é a elle exactamente aquem devm o serem hoje espesinhados ainda além do exilio.

No tocante a extravios de que a nação pedirá contas, abusos de poder, e crueza de medidas ditactoriaes promulgadas com o fim secundario de debelar a revolta, mas com o primitivo e real de sustentar antes o *homem* de que o codigo, supposte que a responsabilidade que irrogam não seja exclusiva de Cabral, senão de todos ministros que com elle as assignaram, queremos com tudo acreditar que alguns d'elles por tas, fizesse figurar a direcção d'aquelle estabelecimento como decididamente disposta a cercear todos os recursos á administração Mousinho d'Albuquerque, e esta que por um lado se vio inexperadamente combatida de quasi insuperaveis difficuldades financeiras, o por outro não enxergou no poder senão o que a condição do ministo tem de mais espinhoso, resolvendo abdicar expontaneamente em favor do restaurador turbulento, deu logar a que elle podesse em fim abraçar-se á predilecta pasta do reino, e se organisasse o ministerio de 27 de fevereiro, cujo pensamento politico mais ou menos ás claras sempre tem sido dirigido debaixo das influencias sinistras do Antonio Bernardo, e não promettendo por isso senão ser funesto á nação. Alguem assoalha hoje por ahi que desde a queda de Almeida deixou de ser um misterio o trabalhar-se com afinco tanto em reuniões como em clubs por alevantar das ruinas a grande obra do absolutismo: dizem que já lhe avultam os pilares, que já o cinzel do pedreiro a aliza os capitães das columnas, que já lhe encaixam os florões, o que talvez não tardará muito sem que lhe ajustem a cupula;—tambem nos parece que sim; mas o futuro dirá o que é. Quasi insensivelmente nos temos ido esquecendo de fallar de Antonio Bernardo como orador, e não seria justo levar a cabo este escripto sem dizer alguma cousa a esse respeito; verdade é que o que se nos offerece não é muito, e além disso dava-se o motivo de o não conhecer-mos por tal, senão depois que regressando do Porto se vio precisado a responder por seus actos no parlamento: hoje sim, hoje Costa Cabral é um dos melhores oradores da actual camara, e merece que se diga d'elle que possue o talento da invectiva, que tem facilidade da phrase, approveita felizmente o fraco dos contrarios, que concilia a attenção quando falla, e que não é desgraçado no improviso. Faltam-lhe porém os mais insignificantes elementos de rethorica, ignora até os da grammatica, e completamente distituido de recursos litterarios, não pode, como parte essencial da eloquencia, casar as belesas da erudicção com algumas tiradas violentas que brotam espontaneamente da sua natural verbosidade. Agisto reune um deffeito que não é

Quando o conto acabava, já a roca estava espiada, e eu do pé d'ella, ia já ao collo para a cama. Ha tanto tempo que isto lá vae! e comtudo parece-me que foi hontem. Que saudades eu não tenho tuas, minha boa velhota!... Se tu hoje fosses viva, como o teu menino já homem, cançado e desiluddido do mundo, se não deitaria no teu collo, e te pediria que contasses... aquelles contos com que adormecias... e cantasses aquellas cantigas tão tristres, com que o embalavas...

Gavicho de Lacerda.

CARTA DE LISBOA

14 DE JULHO DE 1893.

O successo do dia foi a sessão de hoje na camara electiva—sessão de encerramento de trabalhos, mas de larga expansão patriotica. Ao apresentar-se alli uma representação da camara de S. Pedro do Sul, protestando contra a federação iberica e por conseguinte contra a celebre reunião de Badajoz, muitos deputados pediram a palavra fallando com muito calor os srs. Veiga Beirão e José d'Alpoim, que fechou o seu notavel discurso com um **Viva á independencia nacional,** palavras que se expandiram por todos os deputados presentes, freneticamente apoiadas, delirantemente recebidas, formalmente acentuadas. Foi uma sessão importante pelo lado patriotico, a de hoje. Alli se revelaram todos os sentimentos bons do povo portuguez pela voz unanime dos seus representantes. Os homens de Badajoz e as suas opiniões pouco leaes á patria, receberam alli a reprovação mais completa. E ainda bem que assim succedeu. A sessão, pois, pode bem dizer-se, fechou com chave d'ouro.

Parece que o encerramento das camaras, tão rapidamente deliberado, obedece a complicações estranhas, resultantes ainda da questão com os credores estrangeiros. E' possivel que assim seja, mas o que parece fóra de duvida é que o governo o que pretendeu foi livrar-se das impertinencias que as sessões parlamentares occasionam sempre ao poder executivo.

— Foi imponente a recepção feita hoje a Sua Magestade a Rainha viuva e ao sr. infante D. Affonso, que regressaram do estrangeiro, onde foram recebidos com as mais elevadas provas de deferencia. Póde bem dizer-se que na estação do Rocio não faltou ninguem que tem nome conhecido no meio official de Lisboa. O povo por seu lado tambem não faltou com a sua assistencia a esta prova de respeito devido a tão illustre Senhora.

— Apreciando o discurso proferido ultimamente na camara alta pelo illustre chefe do partido progressista, o orgam do partido regenerador diz:

A importancia excepcional do discurso proferido na camara dos pares pelo illustre chefe do partido progressista está naturalmente indicando a reproducção, do *Diario das Camaras*, do extracto official.

E transcrevendo as palavras do nosso honrado chefe, diz, no epilogo o seguinte:

No seu discurso, que produziu a melhor impressão em toda a camara, o sr. José Luciano disse que até aqui tinha applaudido os ministros, *porque francamente não suppunha que elle mesmo podesse fazer nem mais, nem melhor;* e esse seu appoio não era interessado mas patriotico.

O sr. José Luciano de Castro mostrou comprehender as altas responsabilidades que pesam sobre um chefe de partida.

— Affirma-se que apparecerá em breve um manifesto dos republicanos unitarios, em que estes protestam contra o acto de Badajoz, desligando-se dos federalistas ou ibericos. Mais consta que os ibericos fazem as mais altas diligencias para que o manifesto não seja dado á publicidade, diligencias, que, ao menos até hoje, não teem sido coroadas de bom exito. O certo é que os republicanos portuguezes, como se viu das declarações do sr. Consiglieri Pedroso, Bernardino Pinheiro, Nunes da Motta, Augusto de Figueiredo e de Raphael Bordalo no *Antonio Maria*, não estão decididos a compartilhar as responsabilidades da traição de Badajoz.

— O supremo tribunal administrativo teve sessão na quarta-feira proxima, a que presidiu o sr. conselheiro Luciano de Castro. O tribunal rejeitou o recurso do inspector de fazenda de Aveiro sobre a contribuição de registo, sendo recorrida Joaquina Maria, do concelho de Anadia; concedeu provimento aos recursos sobre contribuição industrial, recorrente o escrivão de fazenda de Condeixa, recorridos o duque do Cadaval, Joaquim Pinheiro e Manuel Claro; recorrente o agente do M. P. no extinto tribunal administrativo de Bragança, recorridos Manuel Romano, de Alfandega da Fé, P. Ferreira, de Mogadouro e Caledonio Sarmento, de Bragança; negou provimento ao recurso do delegado de Villa Verde sobre a eleição da junta paroquial de Barrancos, mantendo a sentença recorrida, na parte que julgou valida a eleição; e ao recurso do agente do M. P. no extinto tribunal administrtivo de Vianna do Castello, sobre contribuição sumptuaria, sendo recorrido Manuel Galvão Lira, dos Arcos.

— Acaba de receber-se de S. Paulo no Brazil a noticia do fallecimento alli do dr. Henrique Ferreira, que foi advogado e contador em Lisboa e que advogava alli. O extincto era irmão do nosso muito presado amigo sr. Caetano Ferreira, funccionario publico distincto, empregado na redacção do *Correio de Portugal* e correspondente aqui da *Soberania Popular*. Sei que a dôr que soffre é profunda e por isso aqui lhe testifico, em tão doloroso transe, a minha mais affectuosa condolencia.

— Desmente-se a noticia de ser augmentada a guarnição do Porto com mais um regimento de infanteria. Nem tambem irá para alli nenhum corpo de cavallaria.

— O sr. visconde do Rio Sado, tornando effectivo o aviso que ha tempos fez de que mandaria para a cadeia quem se lhe apresentasse como portador de navalha de ponta e mola, condemnou ante-hontem a tres mezes de prisão o sapateiro Pedro Granzi, a quem a policia apprehendera um d'estes instrumentos.

— Como lhe havia dito, foram nomeados governadores civis de Faro e Vianna os srs. Matheus Teixeira d'Azevedo e José Reimão, ambos deputados. As vagas dos respectivos circulos foram já declaradas, assim como o foi tambem o de Portalegre.

— O processo da eleição de Villa do Conde foi já enviado ao tribunal de verificação de poderes. E' positivo que a eleição é annullada, tão palpaveis são os defeitos que a constituem.

— O projecto prorogando os privilegios do Banco Ultramarino foi votado na camara electiva, e sel-o-ha tambem na camara alta, que funcciona ámanhã para votar tudo o que vae da camara baixa.

— A camara electiva votou para membro da junta do credito publico o sr. Oliveira Martins. A camara alta votou para o desempenho de egual cargo o sr. Moraes Carvalho.

— A camara electiva aprovou tambem as emendas feitas na camara alta ao projecto de contribuição industrial, que, na execução, será uma lei difficil de executar.

— O sr. Julio Lourenço Pinto, antigo progressista, que havia acceitado do sr. Dias Ferreira o governo civil de Faro, foi exonerado do cargo, diz o decreto que a seu pedido.

— O sr. conde de Cazal Ribeiro não acceita a presidencia, que lhe foi offerecida, de presidente da junta do credito publico.

— Parte ámanhã para as Pedras Salgadas, com sua ex.ma familia, o nosso distincto correligionario e amigo, sr. Francisco d'Almeida e Brito, deputado pelos Açores.

— A grande maioria dos deputados provincianos tem já saido de Lisboa, onde o calor asphixia a gente.

— Não é o sr. Adolpho Loureiro quem substitue o sr. Marcely na direcção geral das obras publicas, mas o sr. Frederico Pimentel. O sr. Marcely foi já exonerado d'aquelle cargo, sendo nomeado vogal do conselho superior d'obras publicas.

— Falla-se em novas alterações no alto pessoal de engenheria.

— O logar que na companhia das aguas exercicia o sr. Pinto Coelho vae ser prehenchido pelo sr. Ressano Garcia; e o do sr. conde da Arriaga pelo sr. João Arroyo—um progressista e outro regenerador.

— Por parte do governo portuguez vão ser nomeados commissarios technicos, para accordarem, com os commissarios hespanhoes, na regulação do regimen alfandegario na fronteira, em harmonia com o tratado de commercio ultimamente feito.

— Mais um suicidio, e este muito notavel, por que a razão é futil. O caso conta-se assim:

«Poz termo á existencia, enforcando-se, o sr. Luiz Pereira d'Almeida, regente agricola de 1.ª classe em commissão na direcção geral de agricultura. A triste resolução d'aquelle bello rapaz, cheio de vida, causou a mais penosa impressão entre os seus collegas e na direcção geral de agricultura, onde o nosso infeliz amigo estava empregado. O sr. Luiz d'Almeida tinha o casamento justo com a sr.ª D. Maria da Piedade de Athayde e Silva, moradora na rua das Freiras, 44, 1.º d'esta cidade. A mão do malogrado noivo oppoz se terminantemente a tal enlace e suspendeu uma mesada que enviava regularmente a seu filho.

Este começou então a andar muito apprehensivo e dizia amiudadas vezes, a um seu collega da repartição, que, se não estivesse casado em setembro, certamente viria a acabar mal. E infelizmente assim succedeu, pondo em pratica a fatal resolução que narramos. O sr. Elvino de Brito, illustre director de agricultura, em nome do sr. ministro das obras publicas, ordenou immediatamente que o funeral corresse por conta d'aquella repartição logo que teve conhecimento do tristissimo acontecimento, o que não foi levado a effeito porque a mãe do fallecido telegraphou de Santarem, para que todas as despezas fossem á sua conta. A noiva do malogrado moço depoz no seu caixão uma corôa onde se lia:

A meu noivo Luiz.
Eterna saudade, 10-7-93.

Realisou-se o funeral, sahindo o cortejo funebre da rua das Freiras, 44, 1.º, morada da noiva do desditoso moço.»

— Foi prorogado até 19 d'agosto o praso para a troca das antigas cedulas de 100 e de 50 réis.

— Chegou hoje da Africa occidental o paquete *Portugal*, trazendo a seu bordo 81 passageiros.

— Subio o agio das libras. Sendo o seu preço nos dias anteriores o de 900 réis de premio, estão hoje por 1$150.

— Foi prorogado por mais 15 dias o praso para o concurso de capellão do Azylo de D. Maria Pia, com o ordenado de 240$000 reis.

Y.

PARA PROTEGER A EPIDERME CONTRA as influencias perniciosas da atmosphera, para conservar ou dar ao rosto frescura, mocidade e macieza é indispensavel adoptar para a toilete diaria

O CREME SIMON

preparado com glacerina, e a sua acção efficaz e benefica é tão rapida e tão evidente, que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça immediatamente as suas grandes virtudes. J. SIMON, 13, rua Grange-Batelierè, Paris.

ANNUNCIOS

VICE-CONSULADO
DOS
ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL
EM
AVEIRO

EM cumprimento do artigo 45 do Regulamento Consular e em virtude do Exequatur de 25 de maio de 1893 se faz publico que este Vice-Consulado se acha em exercicio para Aveiro e seu districto desde 1 de julho de 1893.

Carlos de Faria e Mello.
Vice-Consul dos Estados Unidos do Brazil em Aveiro.

CAL

FORNECE-SE para qualquer parte em grandes e pequenas quantidades. Preços sem competencia. Pedidos a Manuel Q. Valente.

CANTANHEDE — SEPINS.

PRAIA D. PHAROL D'AVEIRO

Manuel Maria Amador, d'Alquerubim, aluga as casas que tinha n'aquella praia, e que hoje são de seu genro o sr David José de Pinho, do Porto, as quaes teem mobilias completas, louças de cosinha e meza, fogões, dois poços, tanque para lavar roupa, grande quintal e cavalhariças.

CAIXEIRO

HA um com pratica de negocio de capella e mercearia, cujo comportamento e probidade se garante. Quem o precizar pode dirigir carta á Administração d'este jornal.

DIRECTOR TECHNICO—**E. ESTACIO**

COMPANHIA PORTUGUEZA HYGIENE

FABRICA A VAPOR DE PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS

CAMPO PEQUENO

ESCRIPTORIO PRAÇA DE D. PEDRO, 59, 1.º
PHARMACIA » » » » 60 a 63

Deposito—RUA DO PRINCIPE, 92 A 100

LISBOA

Esta companhia é a **unica** no paiz que fabrica em grande escala e, por processos, machinas e apparelhos os mais modernos e aperfeiçoados, grande numero de *preparações e especialidades chimico-pharmaceuticas* em perfeição de acabamento egual ou superior ás simulares d'origem estrangeira, sendo porém as de seu fabrico *garantidas* pela companhia, nos seus componentes tanto em quantidades, como em qualidades e por preços *excessivamente menores.*

Além d'isso a companhia negoceia em todos os artigos que interessam ás classes de *medicina, cirurgia, pharmacia, e chimica*, taes como objectos de cautchouc, apparelhos de laboratorio, etc., sendo pela sua dupla qualidade de fabricante e commerciante em grande escala, a casa *fornecedora mais conveniente e completa de pharmacias, hospitaes, laboratorios chimicos, etc., etc.*

Fornecem-se catalogos e informações a quem as requisite

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA, 33 A 37

CHEGARAM AS GRANDES NOVIDADES PARA A PRESENTE ESTAÇAO DE INVERNO

Lãs para vestidos, de grande novidade.
Cortes para vestidos, uma surpreza.
Boas do pennas com mais de 2 metros a 1$600.
Guarnições de pennas lindissimas desde 120!
Matolacez de seda largos, fortes, desde 1$000 até 6$000.
Velludos de seda pretos e côres desde 1$500.
Peluches de seda para confecções 4$500, 3$500 e 1$200.
Pannos francezes para casacos desde 1$000.
Visites modelos francezes 30$000, 25$000, 20$000, 15$000 e 9$000.
Grande sortimento de muitos outros artigos de grande novidade.

Sedas de Lyon

Em preto e todas as côres, por preços sem competencia, devido a condições especiaes, exclusivo d'este estabelecimento por contracto com o proprio fabricante.

CASA AFRICANA

TRAVESSA DA VICTORIA, 33 A 41

UNICO DEPOSITO
DE
FUNDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS
DE
ANTONIO TEIXEIRA DA MOTTA

RUA DE D. PEDRO, 87
PORTO

GRANDE sortimento de todas as classes de **fundas** dos melhores systemas conhecidos, fazendo-se por medida para todas as roturas, cujas necessidades só assim pódem ficar garantidas. Tambem se fazem **fundas** para creanças, curando-se todas, sem ser por milagre, mas só com o uso das **fundas** d'esta casa e o competente exercicio physico. N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de **cintos umbelicaes, mechanicos,** assim como **meias elasticas, suspensorios escrotais,** etc., etc.

No mesmo estabelecimento faz-se toda a qualidade **d'apparelhos orthopedicos** para todas as deformidades que aparecem no corpo humano e que seja compativel a sua applicação. O systema porque são executados estes **apparelhos e fundas** é bem conhecido dos **ex.mos medicos portuguezes** e de muitos estrangeiros, que os recommendam aos seus pacientes com a maxima confiança.

E como não ha de ser assim, pois que se a digna classe **medica portugueza** viu pela primeira vez fabricados em Portugal, **apparelhos e fundas** com perfeição, e satisfazendo aos que soffrem conforme as suas necessidades, devem-n'o unicamente só a mim, sendo o primeiro que ha 32 annos introduzi no paiz o ramo **orthopedista,** fazendo-o sempre acompanhar de todos os melhoramentos e descobertas que tenho feito á custa d'um aturado estudo, e segundo as necessidades que se tem apresentado. N'este ponto nada tenho que receiar, nem invejar dos estrangeiros.

Previno, por isso, os dignos **facultativos** e os meus numerosissimos freguezes para que não confundam o meu estabelecimento com outros de egual genero que ha na mesma rua e cujos proprietarios foram meus officiaes.

Antonio Teixeira da Motta.

PAPIER WLINSI Remedio soberano para a cura rapida de *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamento, dejluxo, rheumatismo, dôres, etc.;* 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Paris.

Deposito em todas as pharmacias.—Em Pariz, rua de Seine, 31.

POS DE KEATING
PÓS DE KEATING
PÓS DE KEATING

MATAM

PULGAS
PERCEVEJOS
BARATAS
TRAÇAS
MOSCAS
FORMIGAS

ABSOLULAMENTE *inoffensivos para os animaes domesticos,* são infalliveis na destruição de parasitas e insectos nas suas differentes phases. Em resultado da grande venda que têem estes pós em todo o mundo, numerosas imitações apparecem á venda e que são ineficazes Exija o publico que as latas tenham a assignatura do inventor **Thomas Keating** e embrulhadas em papel verde. **Agencia e venda só por grosso em Portugal, Rua dos Fanqueiros, 114 -1.º andar—LISBOA.** Deposito na Pharmacia Barral em Lisboa e em todas as principaes pharmacias e drogarias do reino.

PÓS DE KEATING.
PÓS DE KEATING.
PÓS DE KEATING.

CAMBISTA TESTA

78, RUA DO ARSENAL, 78

LOTERIAS

ESTA casa, uma das principaes no seu genero, tem para todas as loterias um grande sortimento de bilhetes e cautellas, sendo os preços muito mais baratos que em qualquer outro cambista.

PREÇOS

Bilhete, 5$000 réis; meios bilhetes a 2$500 réis; quintos a 1$000 réis; decimos a 500 réis; cautellas de 260, 130 e 60 réis.

Todos os pedidos dirigidos a esta casa são satisfeitos com a maxima promptidão. Basta addicionar ao valor do pedido, o porte do correio.

Os premios vendidos n'esta casa são pagos á vista e sem desconto algum.

CAMBIO

Compra e vende pelos melhores preços do mercado, libras, ouro portuguez, moedas estrangeiras de ouro e prata, notas dos Bancos de todos os paizes da Europa, America do Norte e Brazil, etc., etc.

Dirigir ao cambista

JOSÉ R. TESTA

78, RUA DO ARSENAL, 78

LISBOA

CONTRA O MILDIU E O OIDIUM

ENXOFRE ESTACIO

Instrucções e attestados gratis—C.ª portugueza HYGIENE—Praça de D Pedro, 50, Lisboa

FILTRO CHAMBERLAND

SYSTEMA PASTEUR

O unico filtro industrial capaz de se oppôr efficazmente á transmissão das doenças pelas aguas destinadas á alimentação. Unico filtro adoptado mediante concurso para o serviço do exercito francez.

—(*)—

ACADEMIA DAS SCIENCIAS
PREMIO MONTLOION
SEIS MEDALHAS DE HONRA

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS DE 1890
UNICA MEDALHA DE OURO
Concedida pela classe de hygiene, conforme consta do catalogo official das recompensas—Classe 64, pagina 4:794

Deposito especial para Portugal, Rua Nova do Almada, 79—Lisboa.

NOTA—Remettem-se catalogos illustrados com os diversos typos de filtros e preços dos mesmos a quem os requisitar.

DIRECTOR E RESPONSAVEL—*M. F.*

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração Rua da Vera-Cruz. Aveiro.

dos menos crueis para a oratoria,—falta-lhe macio na voz, é aspero sempre que a quer elevar, e carecendo para ser escutado dar-lhe certo tom artificial que mais desagradavel á tornar, coloca-o isso, segundo elle mesmo confessa, na necessidade de parecer incolorisado ainda mesmo quando mais deseja dar amenidade á expressão. Sem embargo os seus discursos produzem quasi sempre bom effeito na maioria:—não convencem ninguem, mas intimidam muita gente, e que em resultado vem a ser o mesmo.—Dito isto voltamos a atar o fio dos successos.

Organisada a administração de 27 de fevereiro seguiram-se-lhe, não como era o desejo nem as intenções de Antonio Bernardo, mas como a força das circunstancias o exigio, as eleições de deputados para o parlamento de 1842;—o homem da Carta restaurada não o queira ser do parlamento aberto; o seu plano era mais commodo, e consistia em reformar dictorialmente este paiz até o acostumar assim á liberdade; forçaram-o é verdade a seguir por outra estrada, mas contituindo na precisão de mandar proceder ás eleições não quiz deixar escapar a conjunctura sem tirar de ahi algum proveito;—*deem-me dinheiro*, dizia elle aos seus collegas quando entre estes se mencionavam algumas difficuldades electoraes: *deem-me dinheiro, e deixem o resto por minha conta.* Os collegas deram-lh'o, do thesouro recebeu effectivamente um abono de seis contos de reis, que nunca legalisou despendidos e esta é, sem receio de calumnia, uma das mais escandalosas dilapidações que se lhe podem imputar. D'ella dactão outras muitas que depois converteram o seu nome n'uma especie de proverbio immoral, é desde então que rasgou o véo do pudor, e, graças ao exemplo edificante de seu irmão José graças talvez aos conselhos immoraes d'este Verres portuguez, desde que em 27 de fevereiro o colocaram á testa dos negocios, e como que arbitro irresponsavel de dispôr dos cofres publicos parece, que em outra causa se não occupa, se não em enterrar o braço sordido até ao coração da tropesa. O cathalogo das venalidades do que a opinião publica lhe faz cargo é na verdade tão hediondo, e vai ainda tanto além do que era ad-

um lapso de dezesete mezes, apenas os cinco seguintes. Em uma das sessões de 1842. Mousinho de Albuquerque que fizera parte da administração de 10 de fevereiro, que pugnára pela carta em 1837, que emigrára por ella para a Gallisa, que fôra n'esse mesmo anno victima dos vandalismos do *Commissario Civil Setembrista*, que gosava uma reputação não contestada do primeiro no seu ramo, em fim que era havido por todos na conta d'um dos mais dignos servidores do estado tem a coragem desgraçada de emittir francamente a sua opinião contra o governo, e cinco dias depois castiga-o Cabral da ousadia, demitindo-o do cargo de Inspector geral das obras publicas! N'uma das sessões immediatas declara o mesmo ministro com a mais cinica impudencia que por identico motivo, de não confiança no governo, fizera exarar no decreto de demissão dada ao deputado Palmeiro Pinto do cargo de Secretario geral da administração de Portalegre, palavras cavilosas que lhe irrogavam a nota de mal haver servido o estado; n'outra sessão invectivado por Joaquim Antonio de Aguiar sobre haver demittido o honradissimo Vieira de Castro, que destituido d'outros recursos quasi se pode dizer morrera afogado ás mãos d'esse infame ingrato, Cabral que não sabe como justificar-se do mal que lhe pagára a amisade, e tantos favores compensára, não se peja de dizer em voz assás intelligivel—«quem me falla aqui de favores? a que vem «recordar obrigações? eu não reconheço outras senão as da «conveniencia politica.»—Em fim os factos d'este jáez, as frases d'este sabor, e os pensamentos d'esta moralidade, pulam do tal fórma na vida de Antonio Bernardo, que seria um nunca acabar a publicação d'um simples terço dos mais caracteristicos. Deixemos pois o muito que ainda nos fica por dizer, e apressemo-nos em concluir esta biographia com mais alguns poucos traços, que nos deixem ao menos a idea de como elle procedeu durante a revolução de Torres Novas. Demasiado moderno é ainda, e por isso sabido de todos como esse acontecimento—que não classificaremos,—veio a colocar aquelle ministro em circumstancias de saciar em mesa lauta os seus odios; foram occasião e fartou-se; ahi vão as provas:

cortina; a outra, o Gavião, que no caracter de amigo de Terceira, e tendo ouvido que se maquinava contra elle, vinha tomar a defeza do ausente. Colocados assim cada um no seu posto a discussão começou. Gorjão repetio quasi o mesmo que tinha dito na noute antecedente; seguio-se lhe Gavião perguntando se era exacto que se houvesse accusado Terceira; José Bernardo negou; alguns mais fizeram o mesmo, e depois d'um debate, a que com tudo algumas phrases acrimoniosas escapadas ao irmão do ministro deram mais o caracter de percepção escolar do que de discussão *interpares*, ou vindo se vozes que diziam—*estamos coactos, retiremo-nos de aqui*—a maior parte dos concorrentes deixou a salla vasia, e, isso não obstante, um papel que se suppoz ser a expressão da vontade da assembléa figurava no dia immediato nas mãos de Gorjão e do preto bispo de Malaca, e por elle era appresentado a Terceira para que preposesse á Soberana a recomposição do ministerio! Quem o accreditará? dos quarenta deputados que assistiram ao começo da sessão não houve um unico que assignasse esse escripto, dez a quem elle fosse lido, cinco talvez que conhecessem o verdadeiro fim a que se dirigia!!! E sem embargo a recomposição appareceu, Costa Cabral foi encarregado de a fazer, Gorjão vio-se brulado e trahido, e se Terceira depois d'um leve agastamento continuou fazendo parte do ministerio, deve-o ou á consideração de que gosa, ou a brusca interpelação de Gavião que, desconcertando a manobra, deu causa a que os conjurados tanto bajulassem o duque, que este resolveu não demittir-se do cargo, em contradicção do plano a principio meditado por elles, que era de assim o picarem no seu orgulho, para que se resolvesse a faze-lo.

Recomposto d'esta maneira o ministerio de 14 de setembro, a historia de Costa Cabral vai progredindo até á revolução de Torres-Novas, sem que offereça margens a outros comentos se não os que já por vezes fizemos, e não desejamos repetir—intriga incessante — ingratidão para com os amigos —perseguição ferina aos contrarios—perfidia na politica—mira posta em assumir o summo imperio, e cubiça crescente. D'entre muitos factos avulsos escolhereiros, para preencher

missivel suppôr que nós mesmos, aliás conhecedores do grau de corrupção a que descera, não podemos deixar de hesitar em dar-lhe credito. Uns accusam Cabral de ter vendido mercês de Pariato, outros de ter feito e continuar fazendo o mesmo ás commendas de Conceição para Ultramar, ás de Christo para o Brasil, e aos despachos de todo o genero para o reino, outros de acceitar peitas infames, outros de vender as empresas por certa somma ajustada, outros de ir feito em contractos que aniquilam para sempre o thesouro, e outros em fim de levar as finanças ao abysmo, para especular como agiota nas lagrimas do povo. Em todo isto pode haver exageração, e nem somos nós dos que ignoram que o fel maledico da politica tem embotado muitas vezes as reputações mais illibadas, mas é certo que a de Cabral não pertence a esta classe, e que factos ha por ahi de tão notoria publicidade, que ainda mesmo á mingua de outros, só elles seriam sobejos a macular um Aristides. Nas provincias do norte; por exemplo, é sabido geralmente existir um intimo dos Cabraes, outr'ora preso por falsificador ou ladrão, a quem a maior parte dos pertendentes se dirige sempre que tem alguma dependencia em Lisboa, não se disputa com elle o direito, questiona-se apenas o *quatum:*—No requerer dos empregos não ha uma voz que diga—*eu mereço*—mas ha uma que insinua—*eu darei.* Se das colomnias escrevem a solicitar uma commenda, a par da carta ao amigo, vem a letra de dous contos ao banqueiro. Se o procurador d'um requerente não conhece bem os canaes pergunta afoutamente por Lisboa—*quem me faz isto por tanto?* —Se Antonio Bernardo concedeu carta de par a este ou áquelle poderoso; e elle vem depois do obtida a mercê, ou por ventura antes d'ella,—mas sempre a titulo de mingoado brinde natalicio—offerecer á consorte do ministro um palacete em que viva, uns jardins em que paceie, e umas inscripções para alfinetes, tudo isso se aceita, tudo se recebe de bom grado, não ha espantar senão de pouco. Se o agiota que possue alguns fundos em titulos de divida publica, sem credito, pertende entrar com elles no emprestimo, de toda a parte se lhe repete, *offerecei metade aos Cabraes!*—emfim se tudo quanto levamos